

ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
VALLELE
RUA JULIO CEZAR
52 E 55-TEL 4039
RIO DE JANEIRO.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

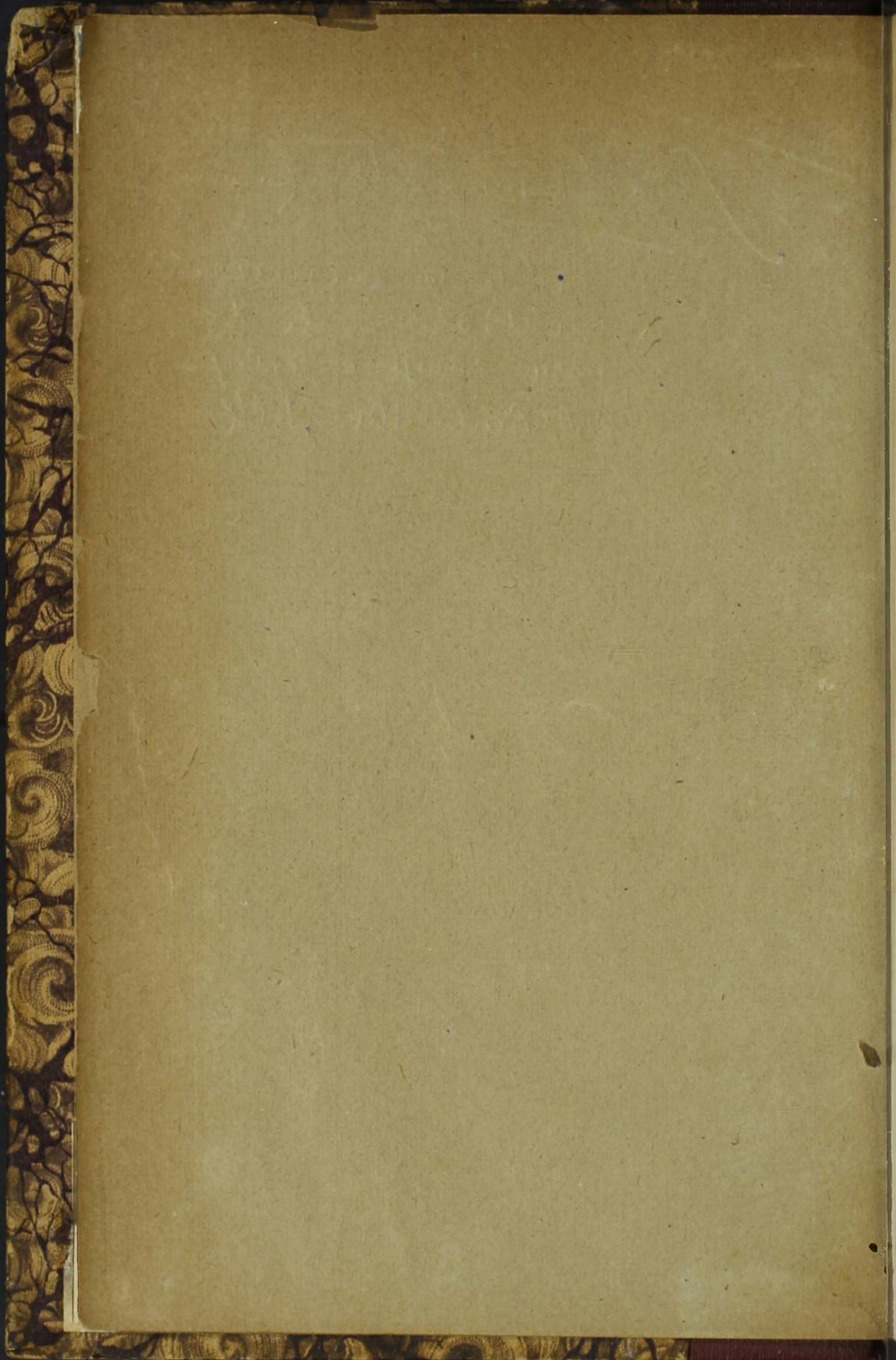
Ex Libris
José Mindlin

LOCAL

2-3

Daríose Bittencourt

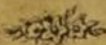
Presente de aniversário,
em 1952; oferta do
jovem amigo e colega
Dr Paulo Alex. Selk





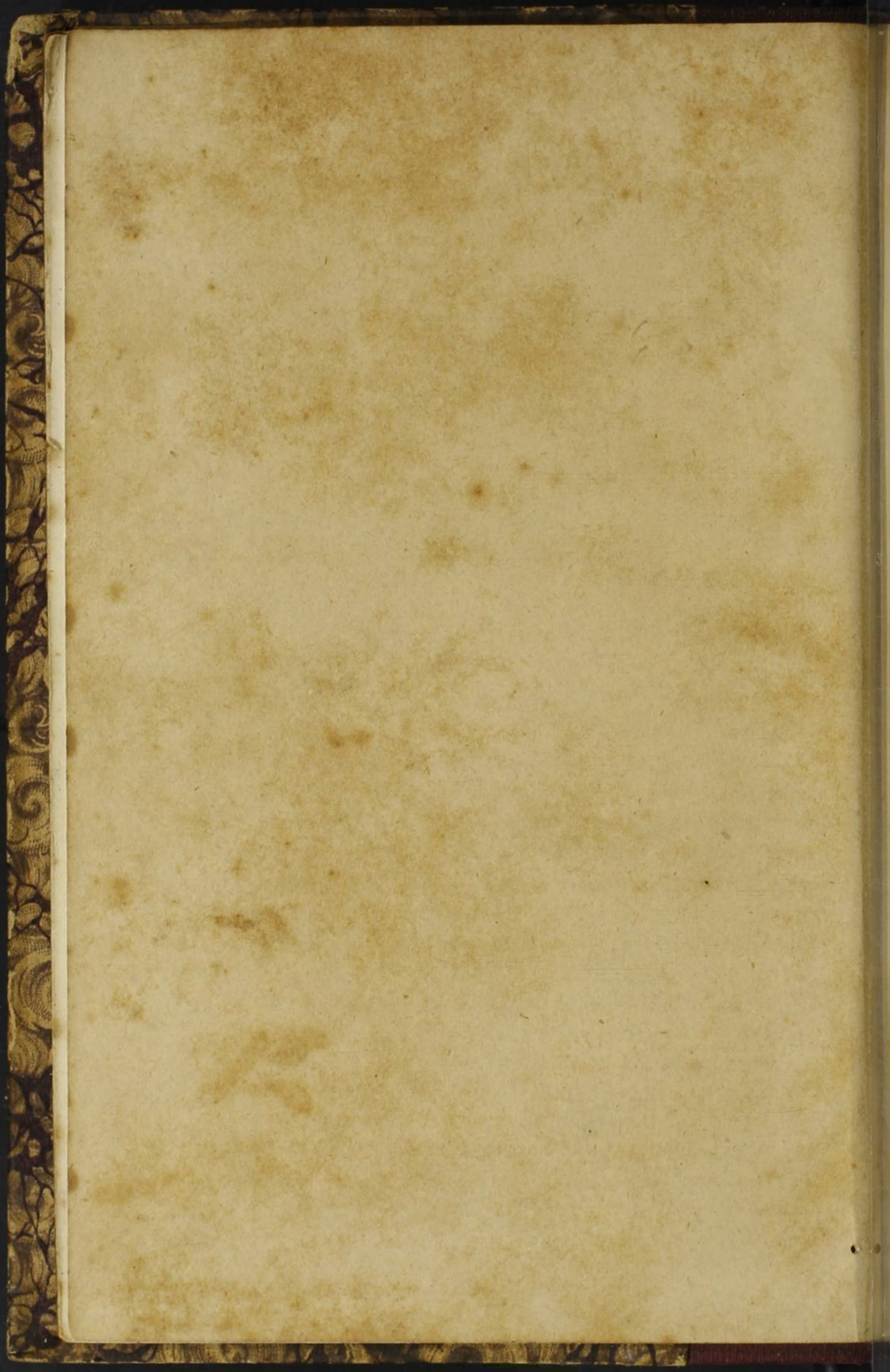
ZEQUIEL FREIRE

EZEQUIEL FREIRE



RIO DE JANEIRO

1874



Duas palavras sobre este livro.

I

Existe uma divindade maravilhosa, esplendida e civilisadora, mesmo quando se nos apresenta sob uma face menos perfeita; mesmo quando circumstancias especiaes, contrarias ao seu natural esplendor, despindo-a pouco a pouco das graças nativas, deixam-n'a quasi exanime, quasi exhale de todos os prestigios com que fascina os mortaes, prestigios que são aroma inebriante n'essa *viola odorata* dos vergeis divinos: é a Musa, é a Poesia!

Evocada pela intelligencia, a Poesia baixou do ceo para guiar e amparar o genero humano quando a desobediencia do primeiro homem expulsou-o do Eden, onde abrolhára. Confidente, indiscreta embora, dos amores pastoris, nas éras primevas, sobre as colinnas doudejou coroada de pampanos e rosas; sustentaculo e conforto das tribus guerreiras, com ellas marchou mais tarde aos campos de batalha, cingida de louros impereciveis.

II

Seu seio tornou-se desde então a arca sagrada onde encontraram refugio a crença ingenua das raças que vagueiam sem patria e o cyclo heroico das nações que desappareceram para sempre da carta do globo.

Creada para viver, deslumbrar e attrahir em todos os tempos, atravez de todos os acontecimentos, de todas as metamorphoses politicas ou sociaes, ella afere o presente, prophetisa o futuro e, voltando-se para o passado, passeia olhares piedosos sobre as folhas epicas da Illyada e sobre as paginas sacrosantas do Evangelho.

A suas plantas o velho anthistite vasou a patéra de nardo precioso ; em derredor de sua imagem mystica o levita christão faz subir as espiraes purissimas do incenso.

Intimamente elada á alegria ou á dôr popular, a Poesia annuncia aos hebreus o nascimento de Jesus, cinge a fronte scismadora de Maria com o nimbo da virgindade eterna, e entre os lares celebra a volta do *filho prodigo* ; e quando a primavera da vida foge, — quando as flôres brilhantes do estio cahem uma a uma, arrastando na quêda as derradeiras illusões do coração, e a morte apparece com seu cortejo de sombras e de horrores, — é essa meiga divindade quem se debruça ainda sobre a cabeça do moribundo, e faz surgir ante seus olhos sem luz o mundo dos eternos gozos celestiaes.

Depois de ter sido a aureola de verbenas da prophetiza, a corôa de louros do heróe, o raro de murta do amante, ella vai ser ainda a flôr mortuaria, — a saudade que desmaia no sollo funebre dos cemiterios . . .

Oh, a Poesia! . . . Quem não adorará a Poesia? . . .

II

Ha paragens expressamente creadas para serem o ninho, o solio, a aza artistica da Musa, — tanto esmera-se a natureza em alindal-as.

Os entes privilegiados, aquelles que receberam de Deos, com a intelligencia, o dôm de auscultar as palpitações latentes da alma creadora que as anima, n'ellas experimentam uma influencia benefica incomprehensivel; como que um fluido magnetico, imperceptivelmente esparso na atmosphera conduz a suas mais intimas fibras o sentimento irresistivel do bello.

O homem recém-creado, descerrando as palpebras somnolentas em face das mythicas bellezas do Paraizo, recebe por meio d'essa influencia reveladôra o segredo harmonioso da linguagem. Molzza, emballada pelo golfo napolitano, surge triumphante do seio das ondas e com a voluptuosa indolencia das melodias oceanicas, cujo mysterio sorprendêra assim, avelluda as suas inimitaveis canções.

Byron, cuja alma enregellava-se sob o firmameto sombrio da patria, sente que sua intelligencia anima-se, ala-se, como um passaro, e vae aninhar-se jubilosa no velludo do céu oriental; esse céu eternamente azul que, á semelhança de um „*vellarium* protector, desdobra-se sobre o grupo de ilhas encantadoras a que cada estação concede benevolas caricias, e que visto de longe, do alto do promontorio de Colonna, arrebatada o espirito e presta á soledade encantos indefiniveis.*)“

Será preciso lembrar o pittoresco retiro onde foi haurir toda a poderosa seiva de sua vitalidade esse genio maravilhoso que os acontecimentos, quaes vagas hiantes, alçaram ao pincaro do fastigio social, para deixarem-no, apoz, só e votado á immobilidade do Prometheu lendario? Será preciso nomear Lamartine e o Lago de Bourget?....

Justificando o pensamento que acima traçei, vejo ainda, perdida no interior de minha provincia, uma pequenina cidade em cujo regaço a Musa parece repousar com as mesmas

*) Byron — O Giaour.

delicias com que repousa a ave na concha tépida do ninho materno.

A luz que ahi cõa serena atravez das purissimas camadas aerias, os rumores esquisitos da natureza meio selvagem que sobem—unisonos—com o sol, que seguem-no durante o dia como a um rei, durante a prosperidade, o concerto de lisonjas, e expiram quando elle descamba além da cordilheiras, innundam a alma de iriações limpidas e de jubilos ineffaveis...

A claridade vascillante de suas noites, o encanto que exercem, o brilho que entornam as estrellas immobilisadas sobre o azul profundo do firmamento que a protege, convidam á meditação, impellem brandamente aos gozos ethereos do extase as imaginações contemplativas....

O sendal de nevas com que envolve-a o inverno, o thyrsos de flores com que adorna-a a primavera e a aureola de scintellas electricas com que corõa-a o estio; os accidentes do sollo, ora dilatado, ora depressos pela fusão ou pelo resfriamento das lavas que outr'ora corriam ardentes por suas fibras; a paysagem maravilhosamente linda que se estende sobre essas ondulações infinitas, o Itatyaia que limita-as ao longe como uma cortina negra desdobrada do ceo:— tudo concorre para exaltar a fantasia juvenil; tudo conduz á adoração das potencias da natureza, nas suas mais suaves e mais violentas manifestações.

A belleza e a indolencia n'ella imperam cheias de seducção e languidez; o talento e a inspiração brotam espontaneos em face das perspectivas variadas que circumdam-n'a e desabrocham livremente ao sabôr da seiva possante que os vigóra.

— E' Rezende.

N'esta poetica cidade suspensa como um ninho aos flancos graniticos da montanha surgiram, brilharam e cahiram pouco depois em profunda lethargia, deixando nos espiritos uma impressão saudosa, saturada do fêl da decepção, os talentos apreciaveis de Narciso de Carvalho, D. Maria Joaquina e Virginio de Carvalho; n'esta obscura cidade, mais

orgulhosa de seus filhos do que a mãe dos Gracchos, expandiu-se e irisou-se também o genio poetico de Ezequiel Freire.

III

Assim como os passaros nascem para trinar, e seus trinos harmonisam-se para encantar os bosques desertos, o menino rezendense adolesceu para cantar, e seus cantos, doces ou causticos, para resoarem melancolicamente entre a indifferença geral e o materialismo incontestavel do século.

Não foi ao toque da magica varinha da felicidade que a veia argentea da inspiração manou de seu cerebro fecundo; nem nos moldes aristotelicos buscou para suas primeiras promeiras producções a elegancia caracteristica da correccão. Se algum secreto sentir tangeu-lhe a fibra poetica, foi sem duvida a dôr da orfandade que attingiu-o quando apenas começava a libertar-se das abuzões infantis; se um leito escolheu para a placida corrente de suas ideias, não foi o que destinou Procrustes ás victimas imbelles; mas o que sulca no collo das campinas o arroio trépido que das eminencias desce.

Segundo informa Caillot, Bossuet aos quinze annos conquistou galhardamente os primeiros triumphos oratorios nos sarãos do palacio Ramboillet, — centro attractivo e radioso da aristocracia, do talento e da belleza no seculo XVII, — o que fez com que o illustre Voiture dissesse cheio de enthusiasmo que „ *n'avait jamais entendu prêcher ni si tard, ni si tôt.* “

Como essa gloria immorredora do pulpito francez, na quadra festiva da existencia, n'essa epocha em que o espirito adolescente é ainda condor implume, que se debate e se irrita contra a propria fraqueza observando a soberana independencia do vôo materno; n'essa epocha encantadora em que o labio apenas sombreado espalha sorrisos a esmo e o coração só aneia pelos gozos da juventude que tarda,

*O' primavera, gioventù d'ell'anno ;
O' gioventù, primavera della vita !*

— Ezequiel Freire compunha já plangentes elegias, votadas á memoria materna e repassadas de um sentimentalismo verdadeiramente tocante.

Mais tarde, apóz alguns trabalhos academicos que reclamavam para cousas mais positivas os esforços intellectuaes do jovem sonhador, o repouso indispensavel ao seu organismo débil e profundamente aballado, talvez mesmo uma necessidade intima de solidão, conduziram-n'o de novo ao seio dos ermos.

A montanha, esse livro opulento de paginas eternas, desvendou-lhe então os segredos e as maravilhas que encerra, as selvas desertas acolheram-n'o em seus recessos mysteriosos ; e em face das magnificencias da flóra americana su'alma abriu-se de novo ás doces inspirações da poesia.

O poeta tem absoluta necessidade de concentração : quando as turbas silenciam, as paixões adormecem e a consciencia faz-se limpido lago, é que o cerebro, unindo-se ao coração, produz a ideia, lapida-a pacientemente, e offerece-a á sociedade que a espera já, impaciente de aquilatar-lhe o merito.

Mas, para que a mocidade queira isolar-se e votar-se em holocausto ao estudo, á indagação reflectida, activa, constante ; para que se resigne a trocar por vigílias laboriosas e solitarias os prazeres, os amores e as felicidades, — esse labyrintho dourado que lhe apresenta o mundo, é necessario que possua muita coragem para a lucta, muita confiança nas forças proprias e profunda fé no triumpho. Quantos moços intelligentes, sentindo ainda na frente a suave pressão dos labios da Musa, não teem retrocedido, ante o primeiro obstaculo, fatalmente arrastados para o turbilhão das sensações ?

E' que não comprehendem as emoções violentas que agitam a alma do auctor, ao entregar ao prélllo o primeiro fructo desuas meditações, e preferem o beijo colhido sobre labios

mendaces ás volupias mysteriosas que acendem as caricias da gloria.

Foi, pois, no seio da natureza virgem que librou-se a fantasia de Ezequiel Freire; foi sobre a relva humida das campinas, cercado de cantos e de murmurios, que o joven neophyto familiarisou-se com os bardos nacionaes e folheou as melhores concepções dos genios modernos.

Alvares de Azevedo exerceu sobre o seu talento novel irresistivel influencia; Gonçaves Dias, o vulto mais proeminente da poesia lyrica entre nós, modificou mais tarde a primitiva impressão.

Todos os cantores actuaes, os que tentam lembrar ao povo que existe ainda alguma cousa pura e divina sobre a terra, desfillaram cantando ante seus olhos absortos, como as sombras dos *Minnesængers* do Norte ante a imaginação exaltada do menino Schiller: — Varella e B. Guimarães, essas fontes inesgotaveis d'onde a poesia escapa-se em borbotões harmoniosos, na attitude extatica de quem segue na terra o fremito da folhagem, agitada pelo vento, ou de quem acompanha no céu os fragmentos de purpura abandonados pelo sol; Luiz Guimarães Junior, grave e pensativo como quem deixa um templo, abandonando ás auras vespertinas suas inspirações faceis, graciosas e sempre unguidas de vago misticismo; Joaquim Serra, concertando pacientemente na lyra original um écho rithmado para as superstições populares; Carlos Ferreira, como um denodado operario, forjando versos, subjungando a linguagem e espalhando em derredor de si, como cardumes de chispas, as hyperboles creadas por Victor Hugo e nacionalisadas por Castro Alves, Machado de Assis, Rozendo Muniz, Lucio de Mendonça...

Quem póde denominar todos os vultos litterarios que passaram assim, illuminando-lhe o espirito e formando-lhe o gosto?...

Attrahido pelos gozos espirituaes, decidiu-se a seguir a

VIII

phalange harmoniosa, a lentas jornadas, na romagem de gloria ; faltava-lhe, porém, a iniciação.

Lembrou-se então de colligir as

„*Flores do Campo*, nascidas
Nos carrascaes do sertão“

e hoje vem depor o mimoso ramalhete, como modesta offe-
renda, ás plantas da Musa nacional.

IV

Quem abre o livro attrahido pela singelleza do titulo, não soffre uma desillusão : ha com effeito nas composições que o formam a graça nativa, o luxo de tintas e as emanações áeres, das flores indigenas.

Dividiu-o auctor em trez grupos, abraçando épochas distinctas.

Aqui, é o idyllio que erege no vapor luminoso da manhã a sua graciosa fronte de lyrio ; alli, a óde que arqueia, por vezes, azas de aguia no azul radioso do céu ; além, a satyra que chocalha e silva como a boicinga occulta nos sarçaes ou enroscada nos espathos da macahyba.

Nas primeiras paginas imperam as ideias puramente emanadas do coração, uma a uma, na época das scismas ineffaveis :

„Clicias abertas a medo
Sob a folhagem da palma“

na primavera da vida ; baffeja-as esse *subjectivismo* apaixonado que tanta captiva nos *lieds* allemães e que é a poesia na sua mais subtil evaporação.

O poeta fascinado pelas magnificencias da natureza,

admira-a nas suas mais pequeninas maravilhas; mas essa serenidade inalteravel, essa harmonia geral que em tudo observa, levam-no brandamente da contemplação externa á analyse interna das paixões devoradoras que o agitam, analyse desconhecida dos antigos.

„Meu Deus, tudo se expande
Aos raios salutaes
Do sol americano....“

— Só Lelia é muda e fria!

Este grito lancinante que parte dos labios do poeta brasileiro, é como um écho deste pungente queixume da poetisa franceza : *)

„Quoi! ces bosquets, ces prés fleuris,
Ces chants d'amour, de jeux suivis....
Mais d'où me vient tant de langueur?....“

Ora um *Nevoeiro* que se desdobra; ora um raio de *Luz* que o dissipa.

Na roça, scenas da vida sertaneja, roceirinhas que sorriem ás cantigas de amor do *camarada*; logo depois a aurora de um *triste anniversario*, que se arqueia luctuosa no horisonte, influindo de profundo desmaio esse coração apenas desabrochado.

Ai! quem não conhece por experiencia propria a dôr lancinante da desillusão? Quem não tem fugido, a um momento dado, do centro radioso dos prazeres para chorar em segredo essas lagrimas doces e acerbadas, esses rocios celestes e infernaes que a saudade e a desesperança espremem nas margaridas d'alma?....

Felizmente para a mocidade, no cerne da arvore da

*) Sophie Gay.

crença, d'essa arvore tão profundamente enraizada no coração humano, a seiva corre poderosa; e á medida que um ramo lascado pelo raio se destaca, novas e vigorosas vergontes brotam.

No segundo grupo destaca-se uma flôr de peregrina belleza e rara delicadeza de tintas: *Menina e moça*.

O assumpto tratado já por Gonçalves Dias, habilmente aproveitado depois por Machado de Assis, adquire na lyra do bardo rezendense uma frescura e originalidade admiraveis. Bastava essa gema para adornar-lhe a corôa de poeta, se tantas outras não se offerecessem á geral admiração.

Os escravos no eito, composição de mais arrojo, e na qual revellam-se com mais firmeza os recursos poeticos do auctor, é, desgraçadamente, uma historia resumida dos soffrimentos dos miseros captivos. Ezequiel Freire não fantasiou: copiou do natural o quadro hediondo que revoltou sua alma generosa, sempre aberta aos infelizes, e atirou-o, como uma amarga censura, á face da sociedade.

D'ellas eparo estas estrophes piedosissimas, — estas petalas admiraveis:

„ Vêde-o, o captivo, o misero
 Condemnado ao sacrificio
 De um execrando flagicio,
 De um horrivel captiveiro!
 No vasto mundo, — sem patria;
 No chão da patria, — sem tecto;
 No exilio, — sem um affecto;
 Sem lar, — no universo inteiro!

„ Nas multidões, — sem familia;
 Sem meigos risos, — nas salas;
 Ar — nas immundas senzalas;
 Singela cova, — entre os seus!

Calcado aos pés pela America,
 Proscripto do mundo velho...
 Martyr, — sem luz de Evangelho!
 Filho de Christo, — sem Deus!... “

Mas a fantasia irrequieta do jovem trovador não se detem. Fatigada pelo espectáculo desolador que offerecem-lhe os costumes patrios, lavanta o vôo, afasta-se dos chapadões nataes e vae póusar como luminosa bombilia na alfombra dos valles hellenos.

Que claridades limpidas entorna agora o sol! Que estremecimentos vagos, que murmurios crystalinos, que vibrações voluptuosas agitam a atmospherá saturada de perfumes, impregnada de suaves melodias!...

E' a *Hectaira* que apparece como um raio de luz depois da tempestade, como um gorgueio vibrante após os silvos agudos do vendaval; é a alma ardente da Grecia que dedilha a lyra annunciando aos povos a regeneração do genero humano pela futura libertação da mulher.

Nada direi sobre muitas outras composições, como também não cotejarei o terceiro grupo.

Quero sómente notar que a satyra, sendo quasi sempre allusiva, faz-se obscura para os que não gozam da intimidade do poeta. O sabio Bayle acha falta de clareza nos escriptos de Persius, e os criticos contemporaneos dão como absolutamente impenetraveis certos pensamentos de Goethe em algumas passagens do Faust.

A ironia de Ezequiel Freire é por vezes ferina, como um sarcasmo de Byron; todo o succo caustico que os fructos amargos da vida accumulam no peito do homem extravasa então d'esse coração de vinte annos na palavra mordaz, no epygramma frisante com que castiga o presente.

„ A ironia dos moços, diz Blaze de Bury, é zombeteira; a dos velhos, filha do desespero, é pungitiva como o senti-

mento que a gera. Uma, inteiramente superficial, adeja sobre os labios semelhante ao zéphyro que nas tardes de Abril desfolha as rosas sem vergar-lhes o caule ; outra exhala-se como um vento maldicto dos abysmos deseccados do coração humano, e na sua passagem espalha por toda a parte a desolação e a morte. “

Sem tentar, nem de leve, contrariar as ideias do illustre escriptor, apresentarei, como uma ligeira objecção os seguintes versos do bardo de Ferrara :

*Picciola é l'ape, e fa col picciol morso
Pur grave e pur moleste le ferite *)*

V

„A maior parte dos poetas, é sempre attrahida para um ideal enganador : este, a força de amar a concizão, torna-se obscuro ; aquelle perde por excesso de elegancia ; um outro ala-se nas azas de um Prhébo declamatorio ; para contraste, apparece outro que rasteja constantemente. . . .“ **)

Eu não critico o livro : procedo simplesmente a sua apresentação.

Os proffessores que tomarem a peito a tarefa de analysar a structura artistica das *Flores do Campo*, decidirão se ellas possuem as qualidades caracteristicas das *completas*, e se é ou não nativa a seiva mysteriosa que levou-as á florescencia.

Quem póde emittir uma ideia, diz Gœthe, boa ou má, que outro cerebro não tenha produzido antes ?

A' critica judiciosa e sensata cabe emittir um juizo sobre

*) Tasso — *Aminta*, att. 2, sc. 1-

**) Byron — *Recordações horacianas*.

as graças do estylo e sobre a originalidade da inspiração : — á ella compete analysar a forma e destacar das bellezas plasticas as imperfeições que deformam-n'as.

Quando a critica faz-se a amiga sabia, a conselheira affectuosa, porém inflexivel do poeta, seu genio desenvolve-se, robustece-se, e elle lança-se corajosamente nas luctas energicas da intelligencia sob a benefica influencia d'esse olhar animador : — é Minerva reanimando os filhos agonisantes da Grecia e escudando-os com a égide protectora nos combates.

Está claro que não me refiro aqui á louvaminha thuriferadora e sempre perniciosa com que se saptisfazem os espiritos superficiaes ; essa, embora acceita com agrado pela vaidade, é sempre repellida pelo bom senso e condemnada pela razão.

VI

Longe, bem longe de nós já fica o tempo em que a missão do poeta era cantar nas praças publicas coroado de myrthos e louros, os prazeres do amor e o triumpho das armas ; mas por ter a civilisação modificado o obscurantismo e a barbaria das éras primevas ; por ter o christianismo moralisado a sociedade, não se segue que a fantasia, como Icaro, tenha perdido as azas e que o poeta, coagido pela sciencia que avança, não possa dar expansão ao genio.

Emittir ou acceitar tal pensamento seria emittir ou acceitar um absurdo, e o absurdo baqueia perante o mais ligeiro raciocinio.

O ideal pode mudar de forma seguindo as successivas metamorphoses por que vae passando o genero humano ; mas deixar de existir, nunca !

Qual o ideal que poderá conduzir a maior perfeição a sociedade moderna?

A Musa da antiguidade, — a bacchante languida e voluptuosa na paz, — a heroína feroz e infatigavel no campo da batalha, com as plantas manchadas de sangue, os cabellos revoltos e a blasphemia nos labios pallidos?...

Não.

O ideal do século é essa divindade que rouba a França ao abysmo, que tenta galvanisar o cadaver gellado da Italia e commove o coração da Hespanha pela voz de Emilio Castellar; é essa divindade que ora nos apparece velando-se castamente como as virgens do martyrologio christão, ora cingindo a leve arasoya das sacerdotisas barbaras; hoje afogada em nevoeiros pardacentos como a poesia scandinava, amanhã librada sobre um raio do sol, mais serena e radiante do que o proprio genio da luz: é a liberdade!

Mas para que a Deusa venha tomar posse do altar que o patriotismo architecta-lhe, para que a utopia converta-se em esplendida realidade, é necessario que a alma da sciencia, esta sphynge de todos os tempos, anime uma fórmula graciosa e vá ao povo, coroada de rosas, envolta em rubores, com um sorriso de amor nos labios.

O bardo moderno cantando o bello natural, na natureza, pode descer ao seio da terra e elevar-se ao coração do Infinito; pode sondar os mais gratiosos mysterios da criação e tornal-os familiares aos entes dotados com menos liberalidade pela Providencia, e que, semelhantes a larvas, contentam-se com a raiz da planta na impossibilidade de subir á corolla da flôr onde brillam as gotas do orvalho celeste, do phyltro doce e acerbo que a poesia e a sciencia distillam.

Cantando o bello ideal, pode ainda iniciar o povo nos mysterios da religião da Egdalidade e preparar assim as gerações por vir para a doce communhão do prazer e da dôr, do trabalho e da instrucção, porque sem a instrucção popular a democracia jamais passará de uma dourada chimera.

Não será muito mais gloriosa para o poeta, muito mais grata á patria e mais util á sociedade, esta suave missão de charidade, paz e luz? . . .

Constituirá ella uma nova utopia? . . .

Ezequiel Freire é muito moço : vinte paginas do livro da existencia tem voltado apenas ; mas se tiver a magnanimidade de votar a sua vida ao estudo, se quizer robustecer o seu talento sobre as paginas dos melhores mestres e consagral-o a trabalhos de mais força, ha de conquistar no futuro louros impereciveis.

A sua estreia é nuncia de bellos triumphos.

Possa o jovem poeta preservar a sua lyra do golpe funestissimo que feriu a cythara de Thamyris.

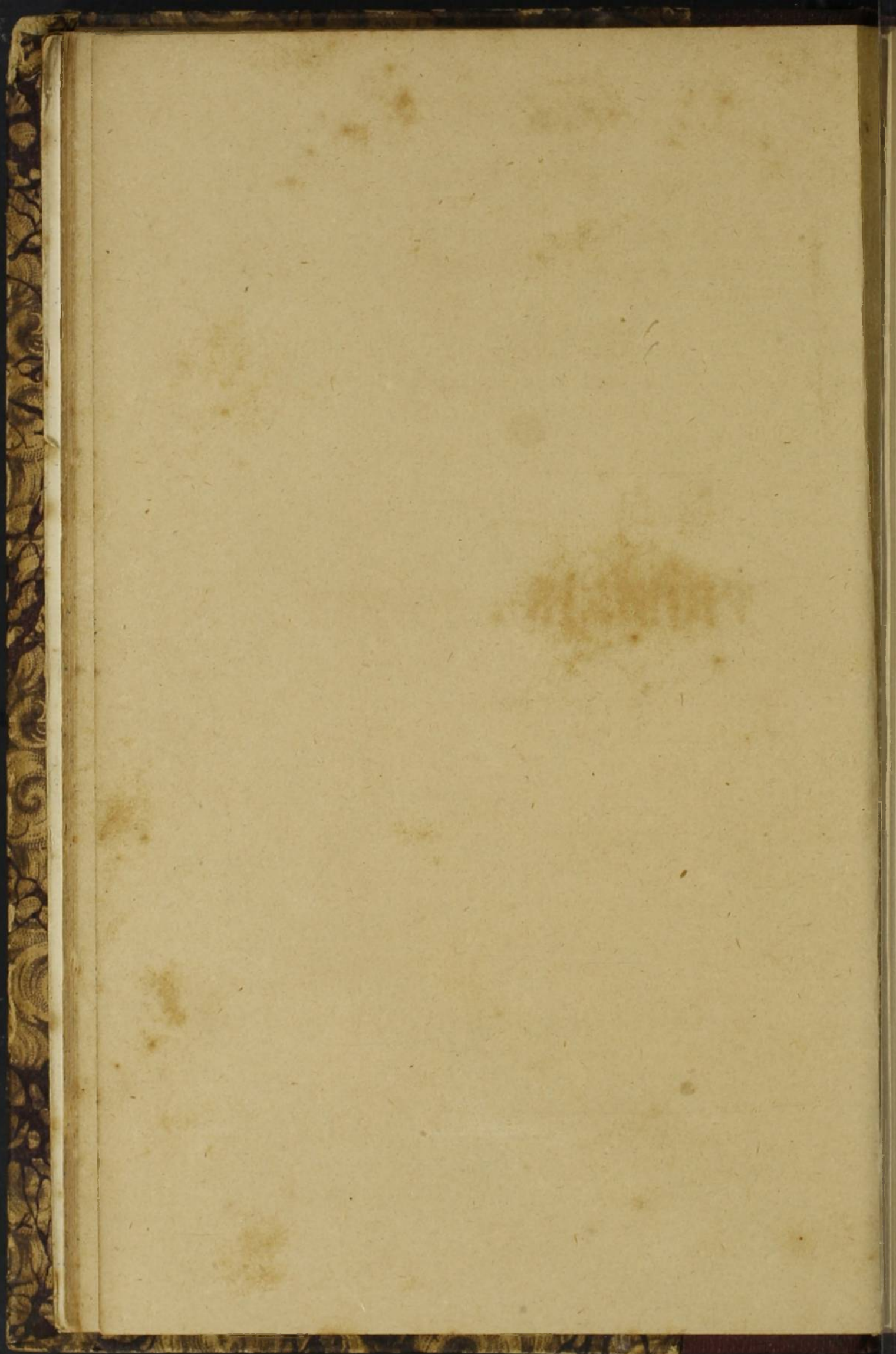
VII

Aguarda-me o labôr do lar.

Auras benignas baffejem as *Flôres do Campo*.

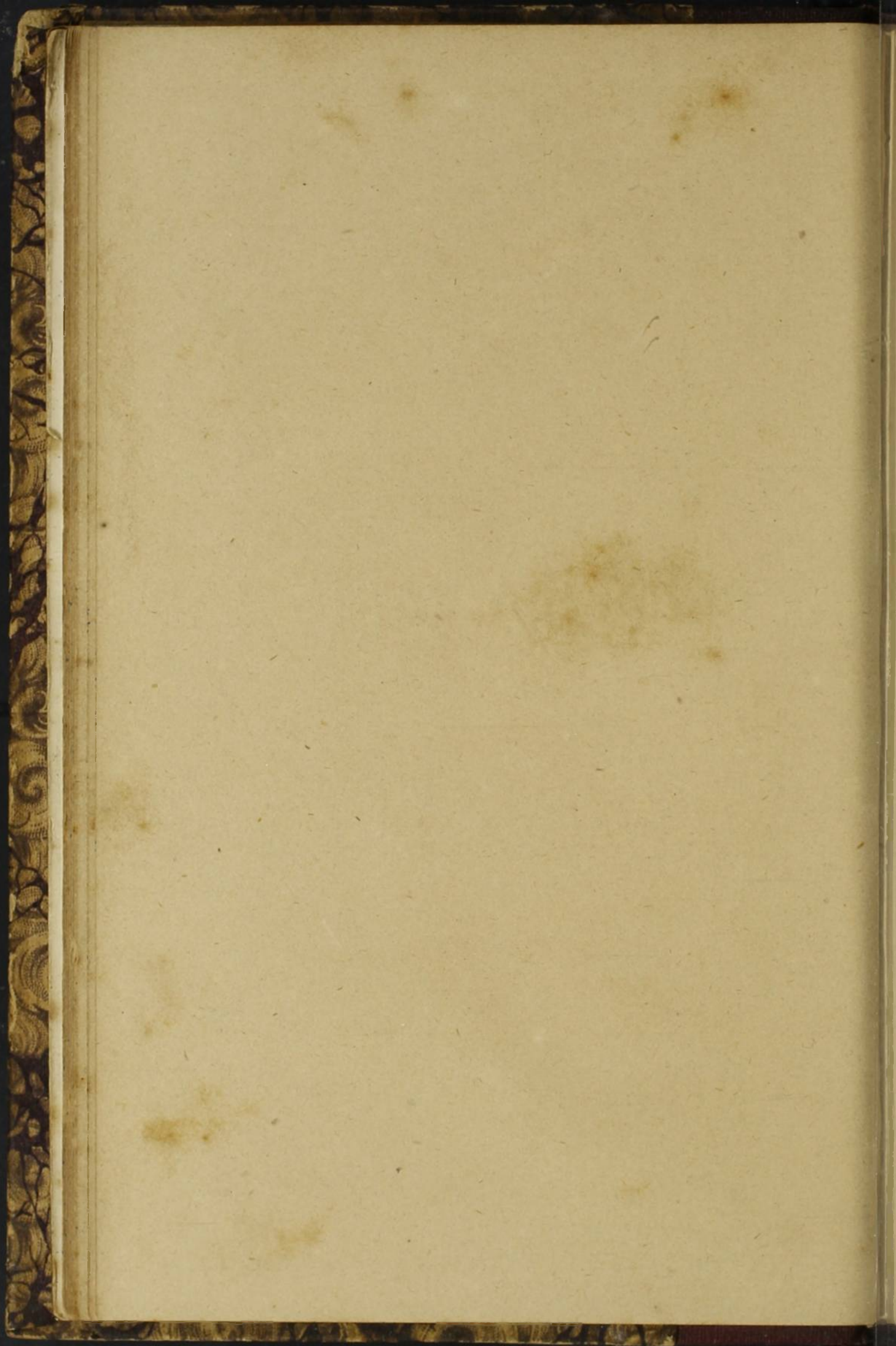
Rezende, 25 de Fevereiro — 1874.

Narciza Amalia.



PRIMEIRA PARTE





A * * *

Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor serão só tuas.

FLORES DO CAMPO.

São filhas das alvoradas,
— *flores* do meu coração ;
umas — quasi des'brochadas,
outras — ainda em botão.

As brisas vômam ligeiras,
brincando rente ás taperas ;
— aves, cantai nas capoeiras,
— brilhai no ceo, primaveras.

Agoas, correi crystallinas,
— bemitos prantos de Deus —
quero regar as boninas,
— agoas da chuva dos ceos :

Não têm perfume as coitadas,
vêde que murchas estão . . .
— Pobres boninas fanadas,
— *flores* do meu coração !

O sol projecta mil raios
nas derrubadas extensas ;
— nos seios tremem desmaios,
— dos corações brotam crenças.

As ondas avermelhadas
do Parahyba — ligeiras
misturam-se ás enxurradas,
que rolam das cabeceiras.

Perpassa tenue barulho
nas cannas seccas da margem ;
— Será da lympha o marulho ?
— Será do vento a bafagem ?

E' a lontra a beber agua
nos tanques que abrio a chuva.
Arde o calor pela fragua
e ha sombras na capitúva.

Nuvens, correi no horisonte
que o sol requeima este prado.
— As aves languem nos montes
e as flores — no descampado :

Umas são rosas — molhadas
no sangue do coração,
hasteas gentis — machucadas,
pet'las fanadas — no chão.

Outras... são tantas! — O *lyrio*,
a *violeta* e a *saudade*
são as vestaes do martyrio
no altar da primeira idade...

A *sensitiva* chorosa,
que entre mysterios se vela,
não é, meu Deus, mais mimosa,
nem mais bonita do que ella.

— Clicas abertas a medo
sob a folhagem da palma,
— crenças mirradas tão cedo
nos arêaes de minh'alma.

Não têm jardins engradados,
mais livres são do que os ventos ;
vivem de seiva — uns cuidados
no chão — dos meus soffrimentos...

Nasceram n'esta indigencia,
todas são tuas, querida,
— migalhas da intelligencia,
— phrases primeiras da vida ;

flores do campo — nascidas
nos carrascães do sertão,
— rosas dest'alma — pendidas,
flores do meu coração . . .

II

Flores . . . aceita-as ; por ventura dizem-te
do livro d'alma a traducção completa ;
vão borrifadas d'um orvalho — as lagrimas ;
— são as primicias do jardim do poeta.

Do brôto debil na gentil vergonhea
seiva de crenças fecundava as rosas,
fria garôa lhes levou o effluvio
das invernadas nas manhãs brumosas.

As violetas vegetavam languidas
á sombra amiga da folhagem densa,
guardei bem longe dos mundanos pantanos
seu doce aroma que d'est'alma é crença.

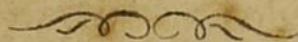
E o rôxo lyrio ? bafejou-o trémula
no afân do estudo a inspiração dilecta ;
— é o desenlace de um romance intimo,
— o drama inteiro de um amor de poeta . . .

Não são teus louros que eu invejo, e a c'róa
que a fronte altiva e soberana enflora ;
— não quero o hosanna que em póz ti revôa :
— conserva os louros que te dão, Senhora.

Não baixo d'alma as affeições mais santas,
não levo as crenças ao balcão venal ;
— bastante humilde p'ra beijar-te as plantas,
sou muito altivo — por te ser igual.

Si crês sincero o bem-querer do poeta,
si o crês tão nobre, t'o darei então ;
— regeito o obolo que o pudor affecta,
— não quero a esmola que rojou no chão.

Dou-te estas *Flores* ; des'brocharam tantas
nas alvoradas de uns sorrisos teus ! . . .
— Pobre, eu curvára por beijar-te as plantas,
— rica, eu não peço compaixão . . . Adeus !



LELIA.

SENHORA, esta tristeza profunda, indefinida, a languidez do espirito na aurora dos vinte annos, e o desfolhar precoce das flores da existencia ; — o fenecer em vida (porque minh'alma eivou-se da duvida assassina e ao coração amante retiras teu amor) ; — o afogar-me em ancia de indiscriptivel dor, e o férvido alvoroço que a idéa desatina ; este mortal desanimo,

que rouba-me as chimeras
e as abusões da infancia ;
— todas as fundas dores
de meu viver inglorio
são flores de um arbusto
que tem raiz no Inferno . . .

— Porque te vi, querida ?
— Porque te amei, senhora ?

E o que resta-me agora
de tantos sonhos floreatos ?
— O horrivel desmentido
d'uma promessa ingrata,
um sonho esvaecido
e o despraser que mata.

Meu ser — todo ternuras !
Minh'alma — toda anhelos !
Tu ? — fria como os gelos
das sideraes alturas !

II

Meu Deus, nas horas calidas
da horrida canicula
o ardor de um raio mata
os lyrios da deveza ;

— nas regiões polares
o firmamento veste
as purpuras esplendidas
de boreaes-auroras ;
— nos arêaes do Sáhara
desenha-se a imagem
de hospitaleiro oásis
á sombra tentadora
dos palmeiraes adustos :
— que importa que a miragem,
(mulher enganadora)
prometta uma ventura
n'aquella fresca alfombra
illusoria, phantastica ;
si mesmo assim fallace
atêa a chamma extincta
no peito do africano ? —

Só *ella* não se anima !
Gelida e impassivel,
formosa — qual Dalila ;
mas fria — como Lelia !

Meu Deus, tudo se expande
aos raios salutaes
do sól americano !

— Só Lelia é muda e fria ! —

III

Nos altaneiros pincaros,
nas regiões algentes
das serras imponentes
volteiam frias brumas
e alem, alem se esfrólam
nas praias oceanicas
os flocos alvadios
de trepidas espumas,
rasgando o seio niveo
de encontro á penedia ;

— Porém Lelia é mais fria
que a neve das alturas !. —

IV

Meu Deus, ao silvo tetrico
das tempestades horridas
nos teigos solitarios
de asperrimos rochedos
vigiam de atalaia
sollicitos pharoes ;
quando o navio frágil
doudeja nos abysmos
e os furacões estrugem

na voz dos cataclysmos,
em solidões distantes
de plagas bemfazejas
avista o pobre naufrago
uns rutilos fulgores
no tope da almenára
e a crença vive ainda...
Lelia, porém, me nega
— tão fria! — mas tão linda!
uma esperança tenue
no raio de um olhar...

.....
— Ai! naufrago perdido
nos êrmos do alto-mar!

V

As fulgidas luciolas
nas horas do silencio
passeiam vagabundas
— erraticas alampadas,
cruzando-se nas sombras
dos lameirões de além;
— estrellas animadas —
repartem seus fulgores
e vão inconscientes,
seguidas de uma aureola;
mas sem saber que é propria
a luz que as alumia:

— Pois Lelia tem a vida
dos lindos vagalumes ;
o raio de seus olhos
não lhe calcina as palpebras. —

Lelia — como as luciolas —
é chispa refulgente
no gelo sepultada !...

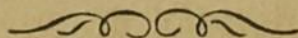
VI

Meu Deus, que linda estatua !
Que esplendida belleza !
— No alvor das brancas vestes
revela-se a harmonia
das fórmas tentadoras ;
mas, que mulher aquella,
vaidosa dos primores,
das graças que lhe destes !...
— Será talvez Lusbella,
o anjo decahido
dos páramos celestes ?
— As ondas opulentas
dos humidos cabellos
volteiam indolentes
da brisa ao meigo ósculo ;

a fronte lhe circumda
luz de uma estranha aureola :
por vezes dos olhares
radia fogo estranho ;
mas baixa logo os cilios
e muda de expressão...

Meu Deus, eu bem quizera
contar-lhe o lindo enredo
da indomita paixão...

— Mas Lelia não escuta
a voz do coração ! —



NEYPFEJRP.

TRISTE o ceo ; do firmamento calmo
cai o pranto hyemal do chuvisqueiro ;
no longe azul dos horisontes ermos
enflóca-se o algodão do nevoeiro.

Dos morros grandes a ouriçada crista
veste um chinó alvissimo de brumas ;
dir-se-hia um rio congelado o valle
no alvor de neve do sendal d'espumas.

D'entre a folhagem das molhadas arvores
sobem novellos de subtil fumaça
e vão seguindo as travessuras doudas
da viração que nos sarçaes perpassa.

Por vezes ouve-se o piar d'um passaro
nos festejados ramos da embaúva ;
cala o tuim as estridentes notas,
tiritita o insecto friorento á chuva.

Das nevoas d'alma a crystallina lagrima
róla dos cilios do inditoso bardo,
bem como oscilla o pingo d'agua e tomba
das puas finas do espinhal do cardo.

Minh'alma é triste, porque o ceo nevoento
n'alma do poeta o pesadume instiga
e, ao tom dos rufos do chover monotonos,
eu vou cantarolando uma cantiga,

uma cantiga popular que outr'ora
gostava de cantar pelas estradas,
para varrer do pensamento a magua
e o tedio immenso das crueis jornadas ;

vai n'ella muito amor, muita saudade,
saudade e amor d'uma estação querida...
eram tenue filó de brumas leves
as nuvens raras pelo ceo da vida.

O bafejar d'um perfumoso halito
varria a cerração dos meus pezares,
— bem como varre os nevoeiros humidos
a fresca viração que vem dos mares.

Um doce olhar de mãe vigiava attento
n'alma do filho o sombrear das magoas,
— assim o raio d'uma estrella espia
o fundo quieto das dormentes agoas.

E a morte veio, que o roubou tão cedo,
e d'esse olhar amorteceu a luz ;
— assim os raios d'uma estrella obumbra
sombria nuvem que o tufão conduz.

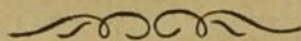
Mas como é triste e se annuvêa o espaço
quando uma estrella n'amplidão descora ;
minh'alma em crepes de pezar se ennubla,
porque não brilha teu olhar agora.

Miuda chuva das gotteiras tomba
e eu vou cantarolando uma cantiga :
“ minh'alma é fria qual um ceo de névoas,
“ vem aquecel-a, minha triste amiga.

„ Teu doce olhar, bem como o sól estivo,
„ dissipa as brumas do viver sombrio ;
„ brisa, teu halito perfumoso e brando
„ varre-me d'alma o nevoeiro frio.

„ E, como o insecto friorento á chuva,
„ bemdiz o raio que o horisonte alvora,
„ eu abençoô teu olhar — sereno,
„ raio primeiro d'uma nova aurora.

„ Oh! vem, querida, o firmamento é calmo,
„ cai o pranto hyemal do chuvisqueiro ;
„ se em nossos corações um sol explende,
„ que nos importa o frio e o nevoeiro?... “



A ESTANCIA.

E'STA encantada estancia,
que o mundo não conhece,
onde o rumor não desce,
senão amortecido,
tenue, subtil, trazido
no revoar do zephyro ;
n'este sitio recondito
é que medito as paginas
onde escreveu tu'alma
idyllios e sonatas
á claridão scismados
dos magicos luares,
ou das brazileas mattas
devaneando triste

nas solidões agrestes :
quando as medito, — prestes
surges por entre as sombras
d'esta encantada estancia.

Em tardes melancolicas,
sózinho, aqui sentado,
revolvo na memoria
a pequenina historia
do nosso amor . . .

Um riso,
um casto olhar bem terno,
phrases onde o perfume
das almas se derrama
intimo e quasi a medo,
eis em quanto consiste
e a pagina resume
d'aquelle extranho drama,
cujo singelo enreço
revolvo na memoria
sózinho, aqui sentado,
em tardes melancolicas.

D'esta copada arvore
á sombra extensa ondula
em placido balanço,
das ondas no remanso

ygara pequenina,
leve. O terral agita
a frança do ingáseiro
e as flôres — em chuveiro
desprendem-se dos galhos,
— como descem orvalhos
do seio da alvorada ;
a onda enamorada
leva comsigo as flores :
porém as minhas dores
á sombra ficam presas,
d'esta copada arvore.

Do remoinho o circulo
passeia a espuma clara
na superficie d'agua,
a fról da correnteza
quebra-se na aspereza
das pedras, e revolta
queixas sentidas solta
mais que um gemido — tenues,
brandas qual um anhelito ;
eu lembro pesaroso
tristeza, dôr e magoa
que tu'alma padece
e, ao tom de intima prece,
se fito o espelho da agua,

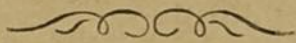
teu rosto me retrata
do remoinho o circulo.

Da vida — o encanto ephemero,
do encanto — o gozo rapido,
do gozo — a flor mendace
e o perpassar fugace
das illusões senís,
— desmancham-se em silencio ;
— desmentem-se n'um'hora ;
— desfazem-se na aurora
das crencas juvenís . . .
— Se um riso o não alenta ;
— se um beijo o não demora ;
— se amor o não sustenta ;
foge mendace e rapido
da vida o encanto ephemero . . .

Se tu quizeras, linda,
um dia — um só, embora —
prender aqui teu sonho . . .
Eu a mirar teu rosto
tremendo envergonhado,
outras vezes risonho . . .
Tu — a fallar de amores,


eu — a encher de flores
cheirosas — teu regaço ;
um beijo, um ai . . .

Depois . . .
se tu quizeras, linda . . .



SCISSMANPP.

I

EM, querida ; a lua é pallida,
o ether silencioso,
as estrellinhas são vívidas ;
vaguêa — perdido — um gozo
na immensidade do páramo :
minh'alma é triste, querida,
a hora e o luar são cúmplices...
— E tu não corres á vida !...

Nosso tugurio é recondito ;
perfuma a brisa a fragrancia
que das roseiras exhala-se.
— Não tens saudades da infancia ?

Em tuas scismas esplendidas
não estremece um anhelos ?
Não vês que os ceos são propicios,
que este remanso é tão bello?...

Os effluvios do geranio
acendem langues desejos ;
nas mattas-irgens ás dryades,
os sylphos roubam mil beijos ;
o sangue — corre precípite,
a alma — em sonhos se abysma,
e a mente — embala-se languida
na rede frouxa da scisma....

Os jasmims atiram petalas
ao chão relvoso e macio ;
triste rumoreja o córrego,
e a brisa morna do estio
traz o perfume dos álamos
onde se enrosca a liana ;
mas tu vagueas, Narcilia,
longe da êrma cabana.

Os pyrilampos noctívagos
brincam nas sombras da veiga,
são as mimosas alampadas
que a noute acende — tão meiga !
para acclarar nosso thalamo...
O leito é alvo e macio
— como do arminho a pellucia.... —
O ar da noute é tão frio!....

II

Vem ; aqui não chega o múrmur
dos rumorejos festivos,
a canção alegre, estolida,
dos prazeres fugitivos.

Vens ? Quero ouvir em silencio
as tuas fallas sonoras ;
consolar tua dôr intima :
saber, talvez, porque choras

.....

A vida corre fluctívaga
para o mar da eternidade
e os gelos d'alma vêm rapidos
surprehender a mocidade.
— A velhice é feio tumulo
e o sol da infancia é de fogo ;
a noute acende a volupia ;
somos tão moços ! — Vem logo

Teus olhares são tão fúlgidos !
Meu coração tão algente !
Ha tanta sombra em teus cílios
e o sol do exilio é tão quente !
Tuas fallas são idyllios
de um tão extranho murmurio !
Mas tu não voltas, Narcilia,
ao nosso humilde tugurio

III

Da lagôa á superficie
boia indolente a canôa ;
queres scismar ? — Embarquemo-nos . . .
Ao largo ! ao longe ! á lagôa !
Desfralda as velas — argenteas
como as virgineas anaguas, —
somos nós dous e o silencio
vamos scismar sobre as'aguas.

Scismar ? O gozo é ephemero,
— flebil gemido de vaga,
— tenue clarão de relampago,
que brilha um nada e se apaga !
Porque não havemos — soffregos
surprehender as venturas
á luz das vagas luciferas,
que o raio atira ás alturas ?

Scismar — Erra o fogo-fatuo
nos escuros cemiterios,
— como as almas dos que afundam-se
no vasto mar dos mysterios
— As promessas illusorias,
— os sonhos d'outra pousada
desmente-se ante os cadaveres
que resvalaram ao nada ! . . .

Scismar . . . á borda dos tumulos,
— tão descuidosos da vida! —
onde as larvas alimentam-se
na existencia apodrecida,
e o mocho geme tão lúgubre
da casuarina nas franças
Scismar Ai! sonhos ingenuos
do coração das crianças!

.....
Vem, querida ; a lua é pallida,
o ether silencioso,
as estrellinhas são vívidas ;
vaguêa — perdido — um gozo
na immensidade do páramo :
— inda vem longe a alvorada,
mas tu dormitas examine
no teu sonhar de acordada

ROMAGEM.

ROMEIRO errante no deserto intérmino
sigo a miragem, que minh'alma adora
e o olhar, cansado de buscar-te em balde,
languê e desmaia por te ver, senhora.

E vou caminho da extensão dos páramos,
rasgando as vagas do areal sem fim,
— sôltas as velas ao batél da esp'rança,
— firme na crença de te achar por fim.

Da vida o encanto se desmancha em maguas
e a dor enlucta o coração sem ti,
— dá-me um carinho p'ra que eu viva ainda,
— mostra-me o Eden, feiticeira huri.

Não vês? — Da selva o sabiá deserta,
das lindas veigas o matiz descora
e os mesmos luctos, que levara o occaso,
voltam de novo quando volta a aurora.

No bosque aos gelos do hyemal bafejo
calam gorgeios de gentis cantores ;
as flores — fogem dos jardins viuvos
e o aroma — esvai-se no fanar das flôres.

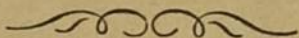
Do lar silente, que te espera ainda,
foge um sorriso, que morava alli . . .
e os olhos tristes que o penar sombrêa
choram, querida, sem cessar — por ti.

E vai minh'alma, na eternal romagem,
seguindo a imagem que avistou nos ceos ;
tem um pharol — a claridão dos astros,
um guia—a esperança, uma esperança—em Deus !


.....

Além, sózinho o sabiá das veigas
soluça a nota da canção de dores,
— as flores fogem dos jardins viuvos
— e o arôma esvai-se no fanar das flores.

E o sol se enroupa no esplendor d'aurora
e vái do occaso se abysmar nos veos ;
só eu — perdido na eternal romagem —
sigo-te, imagem, que avistei nos ceos.



LUZ.

 I! que olhar divino!
Quanto promette amar!
— O raio matutino,
— chispa de linda estrella,
em crepes de procella,
não é, não é mais bella
que a luz de teu olhar!

— Trémulo pingo d'agua
no escuro chão do algar,
sentido pranto, magua
que chora a formosura
não brilha, não, mais pura
— Meu Deus, quanta ventura
na luz d'aquella olhar!

— Do acerado espinho
gotta que vai tombar,
— nos vellos do arminho
alvissimo — o diamante,
fulgido, scintillante,
não é, não é brilhante
mais que a luz d'esse olhar.....

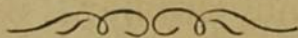
— A lagrima de cera,
que sobre a cruz do altar
tombou, — se não descera
de alem, do ceo, do empyreo.....
— a lagrima do cirio
não trahe maior martyrio
que o teu supplice olhar!

Quanta amargura n'alma
inflúe, quanto penar!
Que dor — serena e calma,
que apaixonada flamma
envolve e se derrama
no peito que te ama,
mysterioso olhar!...

Sollicito, sereno,
dói vel-o assim brilhar...
Talvez tenha venenc...

E' quasi o olhar materno,
talvez ; — tão meigo e terno !..
— Veiu talvez do infêrno
aquelle extranho olhar . . .

Meu Deus, foi um momento
de intimo gozar . . .
Soffri d'esse tormento
o influxo venenoso . . .
Oh ! quanto ancisar de gozo
no raio voluptuoso
d'esse languido olhar !



SENSITIVA.

* * *

ILHA das selvas dos sertões brasileiros,
das serras altas no alcantil nascida,
das cachoeiras ao fragor levada,
e ao tom da ventania adormecida ;

das redes frouxas ao vai-vem scismando
na ondulação suave do balanço,
ao bafejar das auras embalada
das mattas sussurrantes no remanso ;

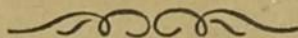
alma tão pura como o azul dos tropicos,
como o sol d'esta patria americana,
— raio d'estrella em olhos de *Luciola* . . .
— riso d'amor em labios de *Indiana* . . .

.....

Tens o arisco temor da corça brava ;
das mattas o rumor causa-te medo ;
e vae ferir tu'alma um *quasi nada*,
a pueril malicia de um *brinquedo*

.....

Se a desconfiança amedrontar um dia
teu pudor natural de moça esquiva,
guarda a altivez sublime — da *Indiana*
e o melindre ideal — da *sensitiva*.



L A G R I M A S .

PEDS-ME ledos risos
e cantos festivaes ?
São meus sorrisos — lagrimas,
hymnos — meus tristes ais.

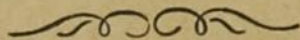
Pede aspereza — ao arminho
e maciez — á fragua,
á flor -- que boie contra
as correntezas d'agua ;

frio — ás arêas calidas
e consistencia — ao ar ;
— a mim não peças risos,
— eu não t'os posso dar . . .

Pede uma flôr — ao cômodo,
raio de luz ao algár
e gottas d'agua doce
ás ondas do alto mar ;

o brado do Niágara
ás múrmuras cascatas,
dos roseiræes ao fremito
o estrepito das mattas ;

pede um clarão — ás sombras ;
á rocha — um nenuphar...
A' mim — não peças risos ;
— eu t'os não posso dar...



MURMURIOS

QUANDO tu scismas, se em teu rosto pallido
transluz o enleio que o sonhar vem dar-te,
loucas as brisas te murmuram tremulas :
„ quem póde ver-te sem querer amar-te ? “

Mas se, com medo d'essa phrase insolita,
fronte inundada de gentís pallôres,
tremes, os sylphos te segredam timidos :
„ quem póde amar-te sem morrer d'amôres ! “

Sei que se aninham em teus labios rubidos
philtros d'um gozo que jámais provei ;
sei que encontrára nos teus seios lubricos
o berço quente que perdido amei.

Ai! se eu pudera, n'um desmaio languido,
beijar-te a curva da lasciva espalda,
e sob a nuvem dos cabellos humidos
velar a fronte que o delirio escalda;

ouvir-te as fallas nos gentis idyllios
— baixos os cilios por não vêr-te assi —,
rindo ás promessas d'um sonhar tão placido,
mas com receio d'acordar sem ti.

Sorrís?... não sabes que a vertigem subita
póde ferir teu coração ditoso,
e despertar-te dos sonhares candidos
presa do anhelos que acenou-te um gozo?

Embalde fóges ao fervor d'esse osculo
que um dia — em sonhos — abrasou teu seio;
tens medo? embora; volverás mais soffrega,
submissa, escrava d'esse ignoto anseio.

E a lava occulta no sudario algido
mais viva ainda surgirá n'uma hora,
e as creanças todas voltarão mais fulgidas,
as lindas creanças que tiveste outr'ora,

e como ás vezes do arenoso cômoro
ao vir do orvalho reverdecem flôres,
bebendo seiva d'essa dôr nas lagrimas
virão mais bellos teus gentis amores.

Mas quando as lufas da procella frémita
teu lyrio d'alma emmurchece no ardor,
dá-me, eu t'ó peço, na crestada pétala
a paga humilde d'um finado amor ;

e do meu peito no sacrario turbido
— ermo dos gozos que o viver reparte —
lerás a phrase que surpresa ouviste-me :
„ quem póde vêr-te sem querer amar-te ? “

Não rias, louca, se este affecto indómito
prende-me aos elos d'um grilhão de dôres :
queimei-me ao fogo do teu morno halito,
não pude amar-te sem morrer d'amores !



* * *



flôr ignota das campinas êrmas,
solitaria, pendida
dos muralhosos córregos á beira,
na viuvez das affeições mais santas
chóra as caricias de um sonhado amor ;

— assim tu és, querida,
— flôr que o pampeiro machucou tão cedo,
— nivea açucena nos paúes perdida,
— rosa de affectos, que minh'alma adora,
sobresaltada e a medo
no extase casto de um amor purissimo . .

Oh ! quem pudera
— feliz e louco — respirar ainda
o effluvio santo que teu peito guarda,
lyrio tombado dos jardins celestes
nos tremedaes da terra !

Oh ! quem pudera,
— perola rara a transluzir occulta
no oceano do amor —
ir-te buscar ao fundo dos abysmos !

Feliz quem fosse um dia
reavivar o coração gelado
na chamma intensa de teus olhos magicos,
no leito mórno de teu seio branco
sentir o coração bater de jubilo,
e desmaiar n'um sonho de voluptia . . .

e despertar aos pálpites
de teu peito ancioso ;
em teu olhar macio e languoroso,
e no tremor convulso de teus labios
lêr a temente supplica de um gozo . . .

Oh ! quem pudera
na aspiração ardente de tu'alma
surprehender uns intimos desejos,
roçar-te os labios no ancisar dos beijos
e adormecer em teu regaço amigo . . .



YACILLACÕES.

QUANDO te vejo a sós,
— languido o olhar dormente, —
— o seio arfando molle, docemente,
— entrecortada e gemedora a voz ;

quando séria te vejo,
— pensativo o semblante, —
onde um momento incende o ardor do pejo
e o pallor d'um desmaio n'outro instante !

sei que d'amor desmaias,
sei que tambem te adoro
e acceitas meu amor ;
quero-te bem e muito,
quero sorrir e choro,
soffro e bemdigo a dôr.

Quando em teu labio assôma
— entre o faceiro e o serio —
tremor de um riso —, qual na flor o aroma
treme, e desmaia e foge — qual mysterio ;

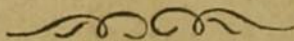
e sob o véo de gazas
o peito anceios trahe,
— qual se um bater de pequeninas azas
fôra —, ou dorido murmurar de um ai ;

— a dôr punge-me n'alma,
— a dôr, talvez o medo
de ainda mais te amar...
Ouso querer-te ainda ;
ousou, mas em segredo,
apenas te adorar...


Quando ao sorriso casas
doudas, voluveis fallas,
— linda na festa em que febril te abrazas,
— linda entre as luzes de festivas salas ;

e se te vejo — louca
sobre o abysmo — calma,
onde a candura virginal se apouca
e a essencia esvae-se do perfume d'alma ;

sinto que alli és outra,
sinto que assim tu rojes
o amor que te votei.
Quero fallar — esquivas-te,
quero seguir-te — foges ;
— seguir-te além . . . não sei ! —



SUB UMBRA ALARUM TUARUM.

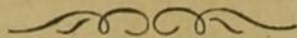
 o dardejar do sol, ao bafo callido
dos dias estivaes na estancia alpestre,
da *mocidade a flôr* languesce pallida,
e bem cedo o setim das alvas petalas
desdoura-se ao roçar da tempestade...

— e a *flôr da mocidade*
treme medrosa do tufão aos ósculos.

E no abandono a flôr, medrosa e timida,
no breve decorrer de edade ephemera,
influiu talvez do raio fulgido
um philtro venenoso aos seios candidos;
— surgiste, anjo de amor e caridade,
— e a *flôr da mocidade*
bebeu o orvalho de teus olhos humidos...

Bemdicta sejas, tu que ouviste a supplica
da flôr sem viço, sem perfumes, languida,
e que, sem medo dos espinhos asperos,
roçaste a fimbria de tu'alva tunica
no chão de cardos d'esta ingloria vida...

— A flôr agradecida
guarda-te aromas na corolla esplendida!



TRISTE ANNIVERSÁRIO.

E dia de meus annos, triste, lugubre
como a hora final de um condemnado,
— quanto fulgir de galas no passado!
— quantos pesados luctos hoje em dia!

Dos castellos no ar que ergui creança,
sobre o montão informe do destroço,
vága um espectro pallido de moço,
vôam em torno os córvos da agonia...

Ai? sorrisos de festa d'outros tempos...
Hoje dóe-me no peito esta saudade;
porque não vens, ó anjo de bondade,
trazer-me ao coração a crença finda?
Um teu olhar, um só, valêra tanto!
Uma phrase d'amor custa tão pouco!
— Deus te perdoára, ó anjo, e o pobre louco
talvez pudesse reviver ainda.

A mocidade é como a flôr — fenece
quando a macúla a poeira das estradas;
mas revigora ao vir das orvalhadas,
que a noute expreme do azulado manto:
— o coração pollue-se no prostíbulo,
onde a poeira das paixões revôa;
das estradas a flôr — quer a garôa,
e o coração — bem vês, — quer o teu pranto...

Tu padeces tambem, quantos martyrios
passam, meu anjo, pelas noutes tuas!...
Mas a desgraça repartida em duas
se junto a nós soluça um peito amigo,
é qual a cruz que um Cyreneu sustenta,
e tu és minha irmã n'esta orphandade.
Como deixar-te a sós na soledade?
— Bem vês, ó anjo, soffrerei contigo.

Que pavorosa solidão! E' triste
este silencio em deredor: parece
que Deus não ouve-me a sincera prece;
emtanto eu peço amor e vida e crença...
Não lavam prantos do peccado a nodoa?
Em torno a mim jaz tudo solitario
e eu choro n'este dia anniversario,
sózinho, em meio d'esta turba immensa!

Outr'ora havia festas n'este dia
— brindes, e flôres, e alegrias calmas;
n'esse connubio mystico das almas

havia a transfusão de affectos santos :
abraços, risos, lagrimas furtivas,
uns sons d'orchestra no ambiente callido,
uns olhares de mãe n'um rosto pallido,
brinquedos, danças, lagrimas e cantos.

E agora ? o lar deserto, a vida um êrmo !
Na frente a pallidez de lethal doença,
phrases banaes . . . talvez de indifferença,
mas nem um riso, um só, de benquerer . . .
recordações penosas d'outras epochas,
fraterno affecto em coração amigo,
restos queridos no final jazigo . . .
e um grande amor que me fará morrer.

Morrer . . . que voz do ceo murmura ao longe
o cantico d'amor do Paraiso ?

Paira em meu labio incredulo sorriso ;
nos penetraes da morte, oh ! quem pudera
surprehender mysterios d'outra vida ?

Morrer . . . quem sabe se noss'alma acaba
— qual um vetusto cedro que desaba,
e como a infancia, o amor e a primavera ?

Quem me falla de amor e vida e crença ?

És tu, anjo do ceo, tu que murmuras
idyllios santos de eternaes venturas ?

És tu, pallida Musa, que traduzes
o poema de Deus no firmamento ?

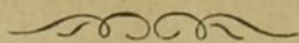
Eu não te posso crêr, anjo bemdicto,

sou da progenie do Judeu maldicto ;
ferem-me as plantas do caminho as urzes.

Se te doêsse um pouco este martyrio ! . . .
Eu não invejo a gloria que fascina ;
maior é o sólio que o amor sublima,
tambem é nobre o culto á formosura,
talvez mais santo que o saudar ao genio !
— Quero te amar apenas, teus cabellos
beijar tremendo ao volitar dos zelos,
que a vida me povôam de amargura.

Depois, quando eu morrer, talvez te esqueças
do moço triste, que te amou um dia ;
— porque lembrar a flôr que a ventania
arremessou alem ? — que importa um nome ?
Mas como o effluvio de uma flôr, minh'alma,
se a sorte um dia te ferir, creança,
perfumará a intima lembrança
d'aquelle grande amor que me consome.

Eu só te peço as orações sinceras
que os labios da mulher resam tremendo :
são qual a prece de quem vae morrendo,
e a Virgem-Mãe te escutará por fim ! . . .
Se uma lembrança te restar ainda,
em cada triste dia anniversario,
no meu leito de terra — funerario
reza um pouco por mim . . .



PÁGINA ÍNTIMA.

SE porventura em horas de tristeza
no coração do infeliz fulgia
o rutilo subtil de uma esperança,
— era a grata lembrança
de tua imagem linda.

Se inspiração, entusiasmo e crenças
n'alma do triste perpassavam rapidas,
se do pezar brotavam alegrias;
— é que ás vezes sorrias,
e teu sorriso magico
minora a dor das minhas agonias.

Se ante o poeta erguia-se o desanimo
 e a luz minguava, que acendera tremulo
 na estancia do trabalho—, a tenue chamma,
 que seu olhar derrama,
 nas trevas irrompia
 como o sant'elmo salvador do naufrago.

.....

Do jardim de minh'alma
 dou-te as *flores* primeiras.
 Sangram meu peito os asperos espinhos
 d'estas pobres rozeiras...
 — falta-lhes rócio, prantos que são balsamos
 e valem de carinhos,
 se vem do coração aos olhos — lagrimas...

Vicejaram um dia
 no canteiro das puras amizades,
 depois a ventania
 do desamor, e a ingratição mataram
 aquellas pobres *flores* ;
 — de tantas e tão lindas ! só ficaram
 as pallidas *saudades*....

Era um arido sólo,
 que se tornava esteril dia a dia,
 o asylo derradeiro,
 onde a esperança refflorir queria.

Sabes? — Era o canteiro
meu pobre coração ; —
se flor vingava alli, era a *saudade* !

Ninguém doeu-se d'ella.
A ultima onda de perfume exhale
tambem lhe foi o alento derradeiro ;
emquanto ella vivera
ninguem amou aquella flor singela :
um dia ella fanou-se
e ninguém teve dó do jardineiro . . .

Eu não sei mais chorar, não sei ; nem posso :
e sou inda creança !

Mas meu pranto perdera-se infecundo
na indiferença glacial do mundo,
nos plainos do viver,
nas solidões ermadas do trabalho,
— como perde-se o orvalho,
às vezes derramado,
do compassivo seio das auroras
no chão esteril do aréal queimado.

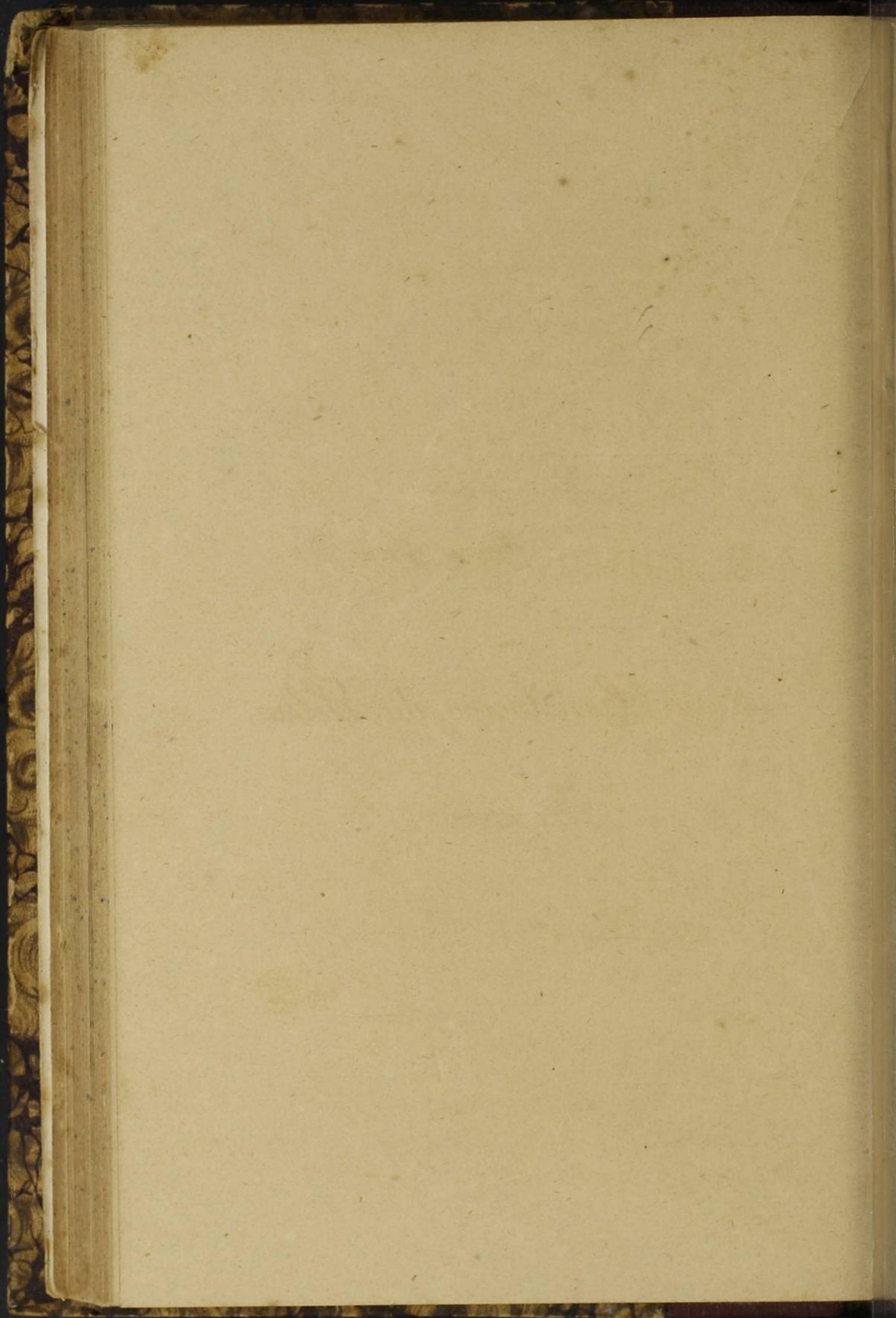
Por isso em meus cantares
trôa a risada estridula que punge ;
órá semelha a nota de um anhelito
e é triste como os uivos
sinistros, agourentos,
que ouve-se á noute no gemer dos ventos.

Sabes o triste agouro
d'aquelle extranho riso ?
E' o desabar das illusões mais doces
„ o intimo ulular, o extremo grito “
de um coração infelice !

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

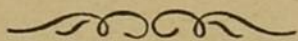
SEGUNDA PARTE.

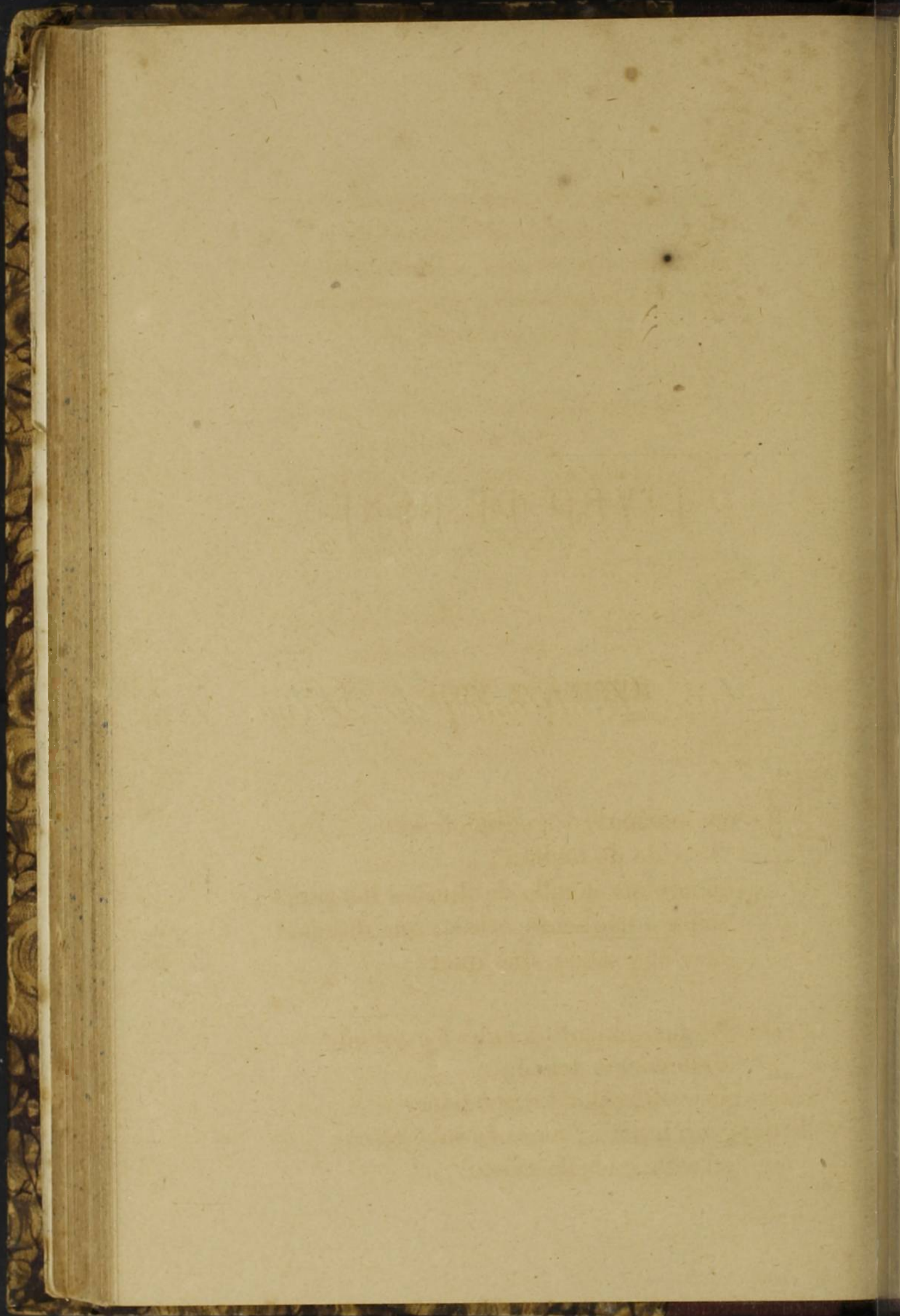




A' Exma. Sra. D.

Maria Constança da Silva.





Ρ ΗΥΡΡ ΡΕ ΝΕΝÊ

MENINA E MOÇA

DA um momento vago, indefinido
na vida da mulher ;
na mente um mundo de illusões lhe adeja :
— soffre e não sente — sabe que deseja,
mas não sabe o que quer . . .

Um vario pensamento a enleva e prende
ao devaneio triste ;
como que aneia por tocar o pomo
de um gozo ignoto ; mas não sabe como :
só sabe que elle existe . . .

Se ella dorme, vd'aisão lva roupagem
em sonhos lhe apparece ;
— tenta fallar-lhe, mas a voz retrahe-se ;
— vae a tocal-a, e a visão esvae-se ;
— desperta e estremece

Se véla, o mesmo vario pensamento
na mente a volitar ;
a imaginação em breve devaneia
e ella segue o vagar da esquiva ideia,
enlevada a scismar

Enrubece e descóra ; sangue trepido
afflue-lhe ao coração ;
os sentidos dormitam na indolencia,
mas, sob a calma da fallaz dormencia,
agita-se o volcão

Tem impetos de ardor . . . os seios arfam
os olhos se incendeiam
cinge-lhe a fronte resplendor augusto.
breve desmaia no languir de um susto
e os olhos se mareiam

Su'alma é pura, mas um vago anhelos
lhe agita o coração ;
de envolta á *garridice* da *menina*
tem quasi a *graça* que a *mulher* sublima
E' *rosa* — e é *botão*.

Bem como a garça que rumor presente
nas sombras do baledo,
arrufa as plumas, quer voar e as tolhe ;
espraia as azas. vae partir e as colhe ;
quer ficar e tem medo, —

a menina tambem, que sente a vida
tão cheia de attracções,
paira indecisa entre o temor e a ancia
de voar dos frouxeis alvos da infancia
ao mundo d'illusões.

Na quadra mysteriosa, no crespusculo
da idade peregrina
é toda timidez, ancia, segredo,
é toda medo e amor, amor e medo,
a alma da menina.

E' qual botão, que ao rociar da aurora
os seios entumece ;
offerta o caule ao tepido bafejo
e, ao doce afflar do matutino beijo,
a rosa transparece.

Como no instante do morrer da noute
e do nascer do dia
luz e sombras se enlaçam, se confundem,
a candura e o amor n'alma se fundem
n'um élo — a poesia.

Então, no olhar que a morbidez velava,
radia luz divina,
e a boca rubra que avermelha o pejo,
— se trahe o assomo d'um primeiro beijo —
transfigura a menina.

.....

— Mais um raio de sol, do *botão* lindo
a *rosa* ha de nascer ;
— mais um raio de luz e de poesia
a *aurora* se transforma em bello *dia*,
a *menina* em *mulher*.

NENÊ

Scismava em que ? Nem lembro,
Nenê veio assustada,
— tão linda, mas tão pallida —
me segredar baixinho :
„ Não sabes ? O visinho,
— aquelle velho feio —
contou-me um lindo conto
que até me fez pensar.
„ Contou que além do mar
n'um bosque solitario
habita a linda fada,

bonita e sem amantes ;
„ que tem olhos brilhantes
e um riso de matar !
compridos os cabellos
e sempre a mesma idade
„ Não sei será verdade
que ella é assim bonita ?
Quem sabe se é brincado
a historia que ouvi ? “
— Não é, lhe respondi
— „ Então eu posso ir vê-la ?
— Talvez ; desejas muito ?
Pois mira-te ao espelho. —

INNOCENCIA

„ Nenê, que é isto ? Como estás formosa,
que rosto meigo ! e como vem corado !
Ella sorrindo murmurou baixinho :
„ Ora, não querem ver ? olha o engraçado !

— Que talhe esbelto, que mãosinhas alvas,
Nenê, que labios, que sorrir formoso !
E ella enleuada murmurou : „ O' gentes !
Não vê que eu te acredito, mentiroso !

— Que lindos olhos, que cabellos louros,
Nenê, que fallas, que faceiro tom !
Ella enleuada murmurou sorrindo
„ Como te quero bem ! Tu és tão bom !

— Nenê, que seios que boquinha rubra,
botão de rosa perfumando a aurora !
Ella agastada murmurou : „ Que diabo !
Não diga mais assim, que eu vou-me embora

Correu. Segui-a na alameda escura,
longe, tão longe . . . mas cançou bem cedo,
e ella medrosa murmurou já pallida :
„ Vossê me leva ? Estou com tanto medo ? . . .

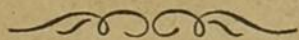
O arvoredado mais e mais se ensombra ;
tremi de vê-la tão juntinha ao seio . . .
Nenê, chorando, murmurou : „ Me largue,
eu não te quero bem ; vossê é feio ! “

ZELOS.

Cortar unhas é peccado
quando este brinco innocente
no mesmo golpe estouvado,
tão mau, tão fero ! — inclemente,
quebra os elos da cadeia

dos lindos sonhos de um crente
e a fragil, mimosa teia
dos fios de uma esperança ;
— outr'ora intimo abandono,
— hoje desfeita esquivança . . .

Nas sombrinhas de um quintal,
saturadas de perfumes,
faz mal provocar ciumes,
cortar as unhas faz mal ;
que o mesmo golpe estouvado,
cruel — a ferir affeito,
vai sangrar um outro peito,
fazer alguém desgraçado !
Não cortes mais unhas, sim ?
Nem consintas que outrem, (sabes?..)
lance olhares maroteiros
aos contornos feiticeiros
de tua engraçada mão . . .
— As unhas, como os cabellos,
quem não quer provocar zelos,
não deixa cortal-as, não !



OS ESCRAVOS NO EITO.

No Dr. Francisco Cunha.

Sol projecta abrazadores raios
a pino — nas espaduas denegr das
da próle de Caim ;
o eito é longo, o hervaçal avulta
nos invios chapadões ;
resvala a enchada nas raizes asperas,
e o braço requeimado
pende ao longo dos flancos offegantes
do misero captivo.
A camisa ensopada adhere ás curvas
dos masculos contornos :
pouco a pouco a energia

dos musculos virís o esforço extingue ;
mas, á voz do *feitor que manda o eito*,
as *caricias* do relho
trazem vigor aos musculos inertes !!

E mais se abraza a atmospherá callida
ao beijo da canícula ;
tudo busca uma sombra protectora,
agazalho e abrigo.

A furna, o tecto de sapé, as arvores,
a relva avelludada das campinas,
o murmurante córrego das *grotas*,
o leque das trementes bananeiras,
o pomar, a floresta, a capoeira,
a mouta de arvoredó
têm sombras e frescores ;
aqui, além, por onde o olhar passeia
descuidoso a seguir uma chimera,
ha uma alfombra amiga em cada arbusto,
um ninho n'essa alfombra
e um ente a repousar n'aquelle ninho.

A onça pede ás furnas da floresta
um grato refrigerio
e, n'aquelle escondrijo abençoado,
fugindo ao ardor solar, á ira humana,

no arminho do pello mosqueado
imbebe as frias bagas,
que porejam das humidas abobadas.
— O novilho anafado estende os flancos
e rumina indolente
á sombra estreita da figueira brava.

— A ovelha, a corça, o passarinho, o insecto
têm um lar hospedeiro em toda a parte ;
mas o captivo—o misero—
não acha um tecto no universo inteiro !

Quando o alento afrouxa
e desampara os musculos cançados,
no corpo desnudado, ao desabrigo,
o latego vibrado
ao mando estulto do *feitor do eito*,
á dor impõe um derradeiro esforço
e se *avermelha em sangue*
mas carnes laceradas do africano ! . . .

Ei-lo, o captivo, o misero,
condemnado ao sacrificio
de um execrando flagicio,
de um horrivel captiveiro :
no vasto mundo — sem patria,
no chão da patria — sem tecto,
no exilio — sem um affecto,
sem lar no universo inteiro !

Nas multidões — sem familia!
Não tem sorrisos — nas salas,
ar — nas immundas senzalas.
singela cova entre os seus!
Calcado aos pés — pela America,
proscripto — do Mundo-Velho,
martyr — sem luz d'Evangelho,
filho de Christo — sem Deus!

Do captivo o amor? — Opprobrio!
O nome d'elle? — Um estygma,
A aurora de hoje? — Um enygma!
uma incerteza — o amanhã!
De nada valem-lhe as lagrimas,
é seu olhar um aggravo;
brada a legenda: — És escravo!
E o dogma: — És filho de Cham!

N'aquelle aviltado cerebro
da vingança avulta a idéa,
a noção do Mal tactêa
e esbarra o craneo sem luz! . . .
A lei recusa-lhe — o Codigo,
Sollicitude — a Justiça,
foros de livre — a cubiça,
e o odio — esconde-lhe a cruz!

O erro das priscas epochas
assôma agora altaneiro,

retrográda um povo inteiro
na estrada aberta por Christo!
Chorai de vergonha, ó Martyres;
a Fé christã — foi mania!
Foi um crime essa utopia!
— Irmãos nós todos! . . . Que é isto?!

Vêde o hediondo espectáculo,
ouvi a voz dos *senhores* :
„ — Façam preço, ó compradores,
„ elles são meus, os *comprei*;
„ são *cousas* do meu negocio,
„ que importa que os não conheças?
„ Eu vendo só boas *peças*,
„ isto é *fazenda* de *Lei*! “

E a resposta inda é mais barbara :
„ — Não temos negocio feito,
„ eu *compro gente* p'r'o *eito*,
„ agora, negras . . . pois não!
„ Esta tem filhos *ingenuos*,
„ gasta a vida em desmamal-os!
„ Vale mais comprar cavallos!!!
„ Depois da *Lei* . . . negras . . . não! “

E a vil comedia prolonga-se,
chama-se a isto — uma praça;

o thema é sempre — a desgraça,
a platéa — a sociedade ;
é palco — o convívio público,
os histriões — são o povo,
a Razão geme de novo ;
mas folga a Legalidade !

Histriões, abaixo as mascaras !
Mostrai-vos, nobres senhores !
Honrados commerciantes,
que mercaís homens, mostrai-vos !
Bonzos, erguei vossos idolos !
Charidade, quem vos chama ?
Avante, á almas da lama !
Democracia, enlutai-vos !

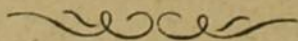
Rasgai do Evangelho as paginas,
cuspi no Christo a peçonha
Córais . . . vós ? . . . Será vergonha ?
Ide, ninguém vos attende . . .
Marchai, sublimes apóstolos,
mercadejai o Cordeiro ;
Judas, ganhai mais dinheiro :
Comprai o ceo — que se vende !!

Ai ! Que dirão nossos posterros,
ao quebrar da Historia os sellos ?
Tremerão, de certo, ao vél-os

— quadros de tal impiedade :
Nos tristes, humidos carcerees
alguns esqueletos velhos...
algemas, troncos e relhos
como braços d'esta idade!...

Hoje, que os homens libertam-se
á luz que esparge o Progresso,
fazei do escravo um egresso
da nova Paschoa — a Egdalidade ;
da communhão democratica,
vós — o luzeiro brilhante —
bradai ás turbas : — Avante !
Dizei : — Basta ! — á iniquidade.

Hoje, que os livres irmanam-se,
de luz as almas são avidas,
guiai as hostes impavidas
dos *batedores da idéa*.
Tendes o mando, ostentai-vos,
bradai aos livres : — O espaço !...
Ao craneo : — Liberta o braço !...
Ao braço : — Quebra a cadeia !...



ρ CAMARIM DE LUCIA.

D.....
M leito gracioso,

— antes concha de perola ;—
mais do que se mostrando, — adivinhado
atravez a indiscreta transparencia
de um niveo cortinado...

gentil, mysterioso,
— antes ninho de passaro, —
de pequenino e alvo e tão catita!
Mais visão ideal que asylo e alcaçar
de uma moça bonita...

escondendo-se quasi
na frouxa claridade da penumbra ;

— antes fróco de nevoa,
de tão mimoso e fragil ; — mais aereo,
mais irreal que o afigura a idéa,
menos realidade que mysterio.

feito de scismas, de pureza e gazes,
de candura e innocencia
e, — como a gaze rumoreja a medo,
quando a brisa a balança ; —
trahindo phrases de uns sonhos lubricos,
pagina aberta no mimoso enredo
de um romance de moça . . .

alvo como a caçoula
de magnolia pallida,
macio mais que o arminho alvinitente
de um berço de pellucia ;
de mais que o berço — uns longes de volupia,
de mais que a flôr — o calido bafejo
do halito de Lucia . . .

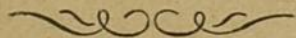
.....

Um toucador singelo ;
— antes brinco da infancia ;
mimo de confusão, capricho artistico,
templo do estudo e altar da faceirice.
(denunciando o espelho irreflectido
a feminea ledice . . .)

um *Heine* meio aberto a espreguiçar-se
sobre o pallido marmor ;
a brisa a despertal-o da indolencia
e, ao voltear das folhas, dispersando
as deslumbradas petalas
de uma fanada flôr, — timido symbolo
d'intima confidencia...

.....

disséreis a gentil miniatura
de um elegante cahos :
— as mil futilidades da costura,
— caprichos feminís, frascos de essencia,
e — ao lado d'esses nadas — a brochura
de um livro de sciencia!!!



PALAVRAS AO CORAÇÃO

QUANTO és, Sciencia, improficua
e tu, Razão, quanto és futil !
— Larva que nos prende sútil,
bem como treda orchidéa
á debil hastea da flor ;
se a folha esmaltas — a idéa,
um fructo estragas — o amor.

Que importa o prestigio ephemero
e o brilhantismo emprestado ?
Seu fulgor envenenado
é o germe innato dos crimes,
que d'alma os seios escarva...
Coração, não te fascines
ante o fulgor d'essa larva.

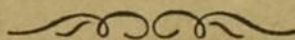
Que vale a roupage, esplendida,
se o brilho d'ella é fallace ?
— Clarão mentido, fugace,
dura uns rapidos instantes . . .
Coração, toma cuidado
nos europeis fascinantes
d'aquelle verme doirado !

A flor e a mulher são gemeas
da mesma fragil chrysalida ;
se a visão da amante pallida
é flor de ignoto mysterio,
na luz que d'ambas dimana,
no exhale perfume ethereo
á flor a mulher se irmana.

Se as roseas pet'las são calices
onde ha beijos perfumados,
uns labios apaixonados
têm mais suaves olôres ;
entre as mulheres e as rosas
valem — por beijos de flores
labios — de moças formosas.

Razão, de teu mando fátuo,
triste minh'alma se afasta ;
nem de Deus a crença basta
no coração que não ama . . .

— Quando a *lei* é o bem querer,
se o sentimento o reclama,
Deus cede o altar á mulher !



NA ROÇA.

Eu vivo aqui sózinho, aborrecido,
qual nas escuras tocas um lagarto ;
não chamo *boudoir* ao meu cubiculo,
e digo mais popularmente — quarto.

Moro rentinho á beira do terreiro
entre moitas de pita e bananeiras,
ao lado dos portaes ensombra o páteo
o leque de bambús e as goiabeiras.

O tecto é de sapé ; pela janella
o caféiro em flôr me vê na cama ;
remeche o tico-tico no farello
e salta o gurundy na grumixama.

O gado muge no curral extenso ;
um grupo de moleques d'outra banda
brinca o *tempo-será* ; — vem vindo as aves
do parapeito rente da varanda.

No carreador de além que atalha a matta
ouvem-se notas de canção magoada :
ai ! sorrisos do ceo — das roceirinhas !
ai ! cantigas de amor — do camarada !

Ora se eleva a nota como um grito
na voz canora do cantor caipira ;
ora descahe a voz como um lamento
e um nome de mulher no echo expira.

Os senhos fogem-me um a um—quaes flôres
abertas de manhã, murchas n'um dia,
e cada sonho é — uma illusão que foge,
e cada flôr — outra illusão que esfria.

.....

Ha tamanho doer no tom dos ventos,
tão esplendida luz n'estas clareiras !
que minhas scismas vão voando á tôa
— como um bando de pombas forasteiras.

Voai : o ceo é calmo, ó pombas bravas,
n'esse horisonte que desmaia além ;
o vento brando vos arrufa as plumas ;
passaros, meu coração vóa tambem.

Trazei no bico o arminho delicado,
a pennugem macia das paineiras,
quero forrar um ninho de pellucia,
onde *ella* durma, ó pombas forasteiras.

Lá bem ao longe, fronteando os mares,
das serras no sopé a choça alveja ;
foi lá que *ella* morou ; — passaro errante —
seu pensamento por alli voeja.

Ella brincou feliz nas alvas praias,
seu pé descalço resvalou na areia ;
— foi o sonho d'amor d'essa criança
e aquelle sonho não lhe sahe da idéa.

Um dia abandonou seus patrios lares,
os valles, o sertão e os arvoredos,
tudo quanto *ella* amou, — e moça agora
tem saudades, talvez, d'esses brinquedos.

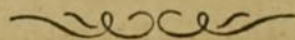
O' brizas, que brincais nas capoeiras,
aves de amor, que voejais nos ares,
enchei de aromas a casinha *d'ella*,
de harmonias do ceo seus tristes lares.

Contai-lhe as dôres que meu peito soffre
e as trovas simples do cantor da roça ;
— auroras, que nasceis nas serras altas,
dourai a vida d'essa pobre moça !

Os labios d'ella — têm cantigas tristes,
seus beijos — o sabor da gabioba,
e *ella* é bonita — como o pingo d'agua
na folha verde-negra da tayoba.

Seu canto ao longe vai seguindo as notas,
que o melro geme nos suinans d'além
e *ella* é triste, meu Deus, porque su'alma
soffre — coitada! — sem amar ninguem!..

O' gentes que morais ahi na côrte,
sabei que vivo aqui como um lagarto.
O' ventos que passais, — contai á *moça*
que ha duas camas no meu pobre quarto.....



GENIO E BELLEZA

S. D. Marcisa Umalia.

COMO do cahos informe, no principio
desabrochára um dia a Natureza
á voz do Creador,
de um outro *fiat* a mulher surgira,
— Pallas, ou Venus ; — a belleza e o genio,
— intelligencia e amor.

Ou do craneo de um deus se erguêra *sabia*,
ou das espumas se formára *bella*
ao sol da poesia ;
— era o mesmo ideal em vario involucro,
— era sempre a mulher, demonio ou Anjo,
Helena ou Hypathia.

Uma, em — poz — si levava os reis escravos,
os argonautas do porvir, que o bello
chamava d'além-mar ;
o vellocino era uns cabellos louros ;
disfarçava a cubiça occulto iman
de seductor olhar.

E quando desabou a Troya esplendida,
entre nuvens de pó surgiu sympathico
um vulto feminino ;
sobre montões de ruinas viu-se um sólio,
era a mulher rainha — as almas côrte,
a lei era o destino !

Outra — enraivava os pallidos ascetas,
peitos repletos d'odio, cães theocraticos,
sombrios a ulular . . .

Seguia a multidão dos cenobitas
da Nitria o monge, que humilhava o genio
soberbo áquem do altar ;

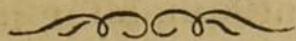
e quando a populaça infrene, ébria,
matou esse Anjo, que os sombrios dogmas
não soubéra temer,
o templo de Cesarium foi patibulo,
algoz — o fanatismo, altar — o cepo
e martyr a mulher !

Vêde, Senhora : sempre o Genio e o Bello
victimas grandes das pequenas raivas
da ingratição espuria ;
sorve o talento — o fel que espreme o odio,
tem a belleza — o pão que amassa a inveja,
o pão e o fél da injuria ;

mas ha um laço que colliga as almas
e arreda as sombras de pezar da festa,
Senhora, é a bondade :

Se *talentosa* e bella, vós sois grande,
se *bôa*, então muito maior vos vejo,
sorrindo á charidade.

Eu não fui ver, Senhora, a vossa *festa*
talvez com medo de encontrar-vos — linda,
inspirada e feliz ;
agora venho, em nome da Bondade,
chamar sublime a *charidosa* idéa,
porque ouvistes o ai d'um desgraçado,
porque votastes vossa *penna d'ouro*
ás penas do infeliz.



MEJA DE GRACA

A' distincta litterata

D. Marcisa Maria

DEVO-TE um preito; é bem pobre,
mas é sincero, Senhora;
— Singela moeda de cobre
que o mendigo — envergonhado —
junta ás dadivas esplendidas
do opulento fortunado...
— E' bem mesquinho, e que importa?
— E' pobre, sim; mas é tudo
quanto possúo, e convém
que — „ quem não possa dar muito,
dê só aquillo que tem. “

Se eu fôra rico, dar-te-hia
farto quinhão do meu ouro,
a mais fina pedraria
que houvesse no meu thesouro
para gravar — *E's um genio* —
no pedestal de um sólio ;
Se eu tivesse a penna magica
que traça as letras do *Senio*,
escreveria um romance ;
dedicara-te um *in-folio*,
cheio de termos bonitos
e alli debuxára ousado
co'as mais esplendidas côres,
tomadas ao bem-querer,
os traços mais seductores,
— aquelles traços bemditos
do teu *perfil de mulher!*...

Mas, se não tenho aureas pennas
com que exaltar-te o talento,
se mingua a tinta brilhante,
que trace a curva mais pura
do teu perfil, Poetisa ;
se, por minha desventura,
não delineio uma *Diva*
e só me acodem ruins vespas
quando persigo as Phalenas,
sobejam-me agudas penas
e em tanto enleio, Senhora,
até me esquece contar

n'esta informe poesia
toda a bagagem rimada
dos encomios que eu trazia!

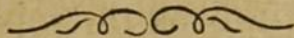
— Cousas de a gente espantar,
pois no sec'lo dezenove
a Arte val' — quasi nada ;
anda o talento — rasteiro ;
o verso — a ninguem commove ;
só *faz figura* — o dinheiro! —

P'ra ti mil c'rôas de louro
amigas Musas teceram,
pódes formar um thesouro
das ovações que te deram ;
já tens firmado renome
nas folhas da patria Historia ;
de bocca em bocca — teu nome
vôa : — é um motte de gloria!

Sei d'isso, embora, assim mesmo
eu venho aqui — de passagem —
seguir teu cortejo escravo,
prestar-te minha homenagem,
juntar tambem o meu — bravo!
aos mil sinceros clamôres
das ovações que te dão.

Perdão. Nem já me lembrava
n'este vago discorrer
que a pezar meu enlaçava
louvores — á Poetisa
nas saudações — á mulher...

Bem vês, Senhora, não pude
furtar-me ao teu doce encanto,
calar a voz ao alaúde,
nem me esquivar á magia
do teu feiticeiro canto,
e ao escutar enlevado
as notas d'aquella prece
que á Virgem tu'alma exalça
no hymno da — *Ave-Maria*
eu disse : — *E's cheia de graça!*



HEJAËR A



ISÃO de brumas nas manhãs da Heliade,
vago debuxo de uma linda imagem
surgiste á medo na gentil paisagem
de téla argentea...

— nota exhalada de um subtil preludio,
que o enrêdo quebras do scismar sereno,
— rútila estrella do horisonte helleno
em ceo de nevoas...

— astro fulgente que irrompeste esplendido
na aurora dubia do viver femineo,
— Anjo desperto do sonhar virgineo
no antro do vicio...

— iris nas trevas das tormentas hórridas
foste o prenuncio de uma luz mais viva,
o tibio ensaio da mulher captiva
ao amor, á gloria.

Eras um Genio de bondoso influxo
de em meio a turba que as paixões minavam
— luz pelas trevas que a mulher cegavam
no escuro ergastulo.

Quando cantavas os cuidados iam-se
e em torno á mesa do festim ruidoso
havia olhares p'r'o teu rir formoso...
fogo — nos craneos...

luz — pelas salas, no ambiente effluvios,
fanadas flôres sobre o vaso etrurio;
tombava a gotta com subtil murmurio
no clepsidro.

O grato aroma das resinas acres
da pyra ardente em espiraes se erguia,
nas aureas taças do festim tremia
o mel do Hybla.

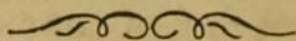
.....

E o olhar da Musa perscrutava o páramo;
um derradeiro som gemia a lyra...
— Renascera a mulher na Hetaira,
alma da Grecia.

Doirava a inspiração a fronte pallida ;
guiava-lhe a Rasão da vida os passos :
— a *brida do epitaphio* era em pedaços
alem nos tumulos.

Não mais o seu destino era o silencio
e o gyneceu—um carcere murado...
Ella tinha um logar—do amante ao lado—
no Forum publico.

Fôra custosa a palma da victoria ;
mas o Destino—ao referver da luta—
erguêra a estatua da mulher polluta
ao altar da Patria!..



SOMBRA S.

DEUS, onde estás? No coração do réprobo
remorde a dôr que o desalento offerece...
Nos labios de christão desmaia a prece,
no coração, de crente o amor desmaia...
Minh'alma quer te ver, transpõe o páramo;
busca o mundo ideal do Infinito,
— nauta perdido a soluçar um grito
dos espaços sem fim, no mar sem praia! —

Minh'alma quer te ver, transpõe a abobada,
que pesa sobre a terra amaldiçoada
e vai pedir fulgores á alvorada,
saudar o sol que ainda ao longe vem;
mas, se em póz da ventura, esbarra a duvida,
ella — que por te ver erguera-se ávida —
de em meio ás solidões escuta pávida
a voz do espaço que lhe brada: — Além!

Porventura eu tambem pudera ainda
soerguer-me do nada,
e a crença profanada
purificar ao sol de teu amor ;

lavar do teu Jordão nas ondas santas
a nodoa de atheismo ;
nas aguas do baptismo
talvez bebesse a fé que me fugiu.

Esquecera o viver de libertino,
os erros do passado,
e ao labio revoltado
trouxera as orações — do arrependido,
as rezas — do menino,

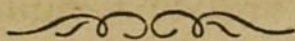
e me engolfára no oceano infinito
da crença redemptora,
e a aurora sorridora
borrifára o fulgor das alvoradas
na noite do precito ;

prodigofilho, eu voltaria ao lar,
que abandonei creança
e a pomba da esperança,
perdida, errante n'amplidão sem sorte
teria onde pousar ;

e, quando o espirito espedaçasse os gonzos
do ergastulo terreno,
voaria sereno
em demanda do ceo dos redimidos...

.....

Se tu, ó Deus, ao coração mandasses
um raio de ventura!...
A luz brilhante e pura
de um olhar de mulher alumniára
as trévas de minh'alma!



LUCIA.

Em homenagem ao talento do joven poeta o

SR. LUCIO DE MENDONÇA

A proposito de um seu escripto: — O INVERNO E A NATUREZA.

I



o fundo verde-negro da collina
um vulto esguio alveja :
é a torre de uma Igreja
e esvoaça a andorinha em deredor.

No telhado vetusto se espreguiça
a linda trepadeira
e a torre sobranceira
doira-se aos tibios raios do crepusculo ;
— é o ultimo adeus, a derradeira
luz amiga do dia ;

desperta o serro e o valle silencioso
o longinquo expirar de uma harmonia,
a prece *Ave-Maria*
geme nos labios tristes do camponio :
— é a hora do repouso.

Descamba o sol, a nevoa se debruça
na crista dos outeiros,
do pastorejo descem pelas trilhas
as tardias manadas,
e a voz dolente e grave dos tropeiros
entôa a cantilena das estradas.

Os ultimos murmurios
do canto d'aves que nos ares passa
mistura-se ás cantigas
das ledas raparigas ;
sobre o sapé do tecto dos tugurios
ondulam tenues frócos de fumaça.

II

O rumor d'alegria
mora n'aquella aldeia abençoada,
a descuidosa, jovial risada
tem alli agasalho
e o rosto prasenteiro,
tostado ao sol ardente do trabalho,
trahe o filho do povo
— o coração honrado de um roceiro.

Era uma aldeia pobre
de uns pobres habitantes jornaleiros,
nem um vestigio de palacio nobre
no sólo trabalhado ;

nem sombra de fidalgo atoleimado,
ou titular impado
n'aquelle bello grupo de camponios.

(Excepção : — Uns pimpolhos fidalgotes,
— extirpe de um finado fazendeiro, —
ricos de *sangue azul* e de dinheiro ;
mas entre os habitantes
faziam grupo, — como fazem *liga*
as cruces e os demonios.)

Tinham por capital o seu trabalho,
por fortuna a alegria ;
— mui poucas ambições, algum orvalho,
uma nesga de ceo e a luz do dia
constituíam a real riqueza
d'aquelles homens rudes,
— de ouro pobres, ricos de virtudes. . . —

Não invejavam largos horisontes,
nem a *fazenda alheia* ;

nem cobiçavam a *mulher do proximo*,
como prohibe o Mandamento nono . . .

— Além dos quatro montes
(balisas naturaes d'aquella aldeia)
não lhes passava a modica ambição.

— Tinham bom appetite, muito somno,
filhos robustos, boa digestão !!! —

No tempo de eleições eram pacatos
e cada qual timbrava em ser um Mario
e . . . honrados patriotas !
os que, por mui sovinas,
não possuíam mais que um par de botas,
divergiam em crenças
dos circumspectos homens de botinas,
uniam-se aos votantes de sapatos
e vendiam seus votos ao vigario !

Ora, o caso que eu narro foi passado
n'aquella aldeia de costumes puros
e veio-me á lembrança
á conta de alguns *pontos obscuros*
dos gentis devaneios
que vieram a lume na *Republica*
ha tempos ; lembra ?

— O *Inverno e a Natureza*. —

De mim para commigo odeio o Inverno
por motivos diversos,
o frio e mais

— Tereis a gentileza
de acompanhar o enredo d'estes versos ?
O caso é como segue :

III

— Lucia era a flôr bonita das florestas,
que perfuma a soidão ;
seu nobre coração,
seu coração de moça era a caçoula
onde o perfume da innocencia ainda
exhalava-se puro,
e Lucia, a filha dos sertões brasileiros,
sentindo-se formosa,
fitava descuidosa
os longes horisontes do futuro.

E, como a flôr que a viração balouça
e orvalham as auroras
e o sól esmalta de matizes d'ouro,
assim Lucia — feliz — contava as horas,
enlevada na scisma feiticeira
de uns candidos sonhares
que passaram fugaces.

A' claridade pallida e tristissima
de esplendidos luares
Lucia, abrigada á sombra de seus lares,

murmurejava, olhando os horisontes,
a toada monotona
de um romance de amor.

A's vezes o pallor de intimo enleio
dava-lhe uns leves toques melancolicos
ao rosto amorenado ;
o olhar incerto e vario acompanhava
o esvoaçar voluvel de algum genio,
que só ella entrevia,
talvez na idéa ; — era a chimera loura,
a visão ideal da Poesia.

Cantava :

„ O' genios d'amplidão, ó passaros,
„ que ides em busca do frescor das varzeas,
„ levae-lhe o adeus de um coração magoado
„ e as vozes tristes de minh'alma, ó passaros.

„ Meu collo puro e amorenado inclina-se,
„ as faces frias a tristeza ennubla ;
„ são as calligens n'horisonte limpido,
„ ide contar-lhe que sou triste, ó passaros.

„ Meus olhos negros se mareiam d'agoa,
„ meus labios rubros a marugem trava :
„ é o sôro amargo das primeiras lagrimas ;
„ ide contar-lhe que chorei, ó passaros.

„ Quem sabe ? A vida é um quasi-nada — fragil
„ baixel boiando no alto-mar á tóa ;
„ quebram-n'ó as ondas : se me vires naufraga
„ então contai-lhe que morri, ó passaros.

IV

Diziam *as más linguas*
que andava um tanto apaixonada a moça,
que a *tentação varrera-lhe o juizo*,
só porque Lucia suspirava ás vezes
e amava a solidão, o espelho, as flôres
e . . . — cousas da roça !

Vou terminar meu conto :

O heroe romantico,
o causador das magoas da donzella,
andava longe trabalhando terras ;
era pobre : pudera ! . . . e enamorado.
Quando os lazeres raros do trabalho
davam-lhe tempo e aso,
vinha depôr aos pés da bella — queixas,
negras saudades, um vestido novo
e o terno juramento
de bem-querer eterno.

Entre a gente do povo
fallava-se de um beijo,
de um ai . . . e do enxoval do casamento !

Mas, se os idyllios duram pouco tempo
e as rosas d'alma, como as outras, murcham,
e as Estações do anno tambem mudam,
não é de admirar que o Inverno — o feio! —
viesses surprehender o arrulho casto
d'aquelles dous pombinhos.

.....

V

„ O' Deus, o Inverno que desnuda as arvores,
„ resfria a choça onde a pobreza mora ;
„ findou a safra no paiól vazio ;
„ não ha gravêtos no fogão do lar.

„ O dever manda que eu lute ;
„ como poderei lutar ?
„ Mingua-me o esforço a miseria,
„ não ha mais pão no meu lar !

„ A virtude me soergue,
„ o vicio quer me levar ;
„ a fome e o frio me chamam :
„ como poderei lutar ?

„ Pedi amparo ao trabalho,
„ rojei nos degraos do altar,
„ estavam frias as lageas
„ voltei doente ao meu lar . . .

„ A febre cria um phantasma
 „ de fascinador olhar,
 „ o pudor — resiste ainda ;
 „ mas eu — cancei de lutar !... “

Lucia cantava assim nas horas mortas
 das noutes hybernâes ;
 são-lhe concerto os rufos do graniso :
 penetra o frio as mal cerradas portas
 da misera casinha.

Desvaira ás vezes. Desnuado o collo
 e os seios niveos trahem
 a murchidão precoce da miseria.
 O erradio olhar cõa luz vitrea
 pelas escaras turbidas das órbitas.
 Os erriçados labios
 beijam não sei que hórrido phantasma ;
 talvez da fome o espectro : são-lhe sequito
 vicio, dôr e remorso.
 Nos seios d'essa moça
 inda ha vestigios da belleza murcha...
 Porque não ha de a crápula sugal-o
 nos labios frios o licôr da infamia
 no ultimo beijo ?....

.....

Epilogo :

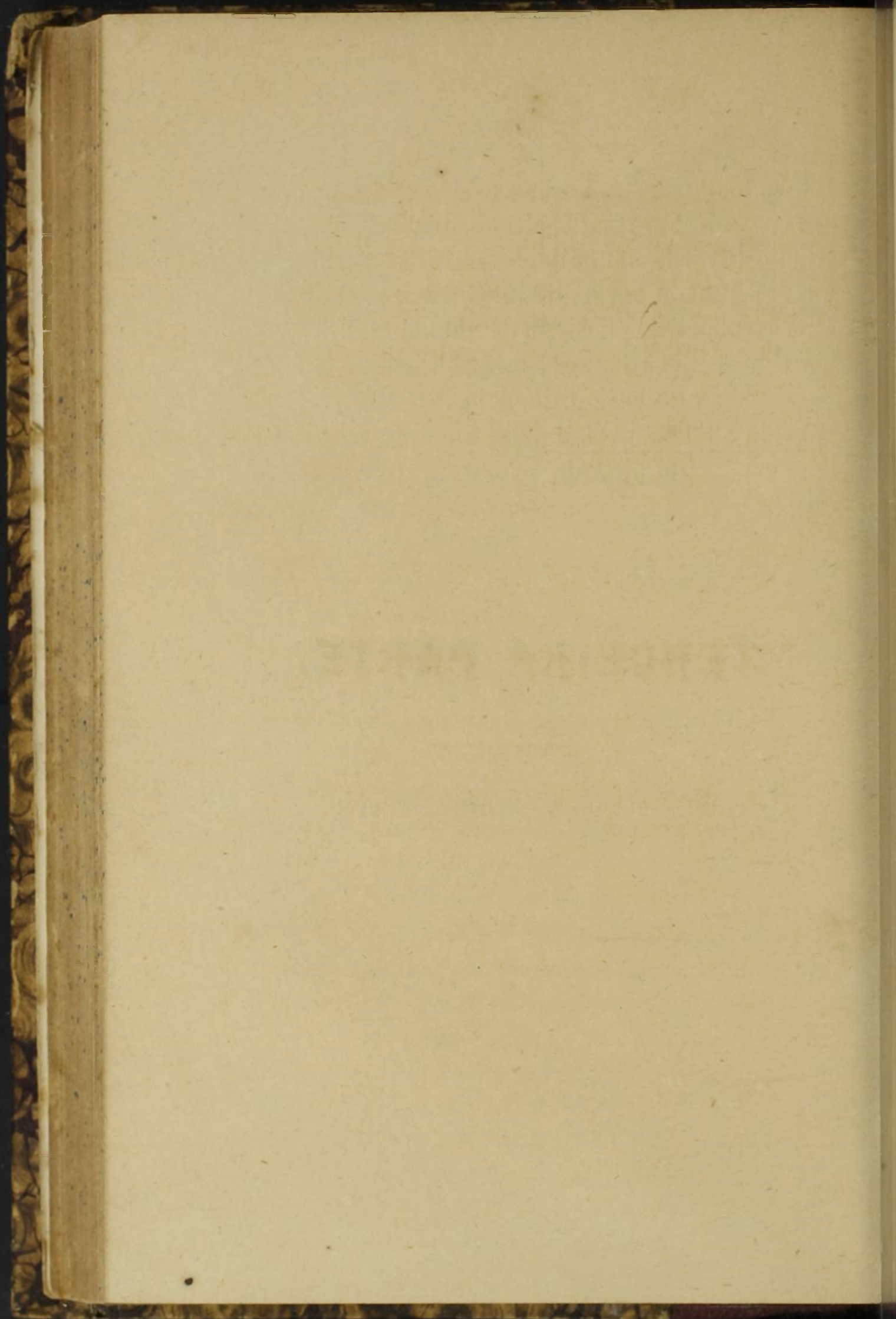
Foi n'estas circumstancias
que o Inverno um bello dia enverga as roupas
de um pallido mancebo . . .

(Se vos lembrais dos versos que vão lidos,
haveis de recordar a „estirpe illustre
do moço fazendeiro.“)

Trazia a bolça farta, o peito um êrmo
de piedade e amor . . .

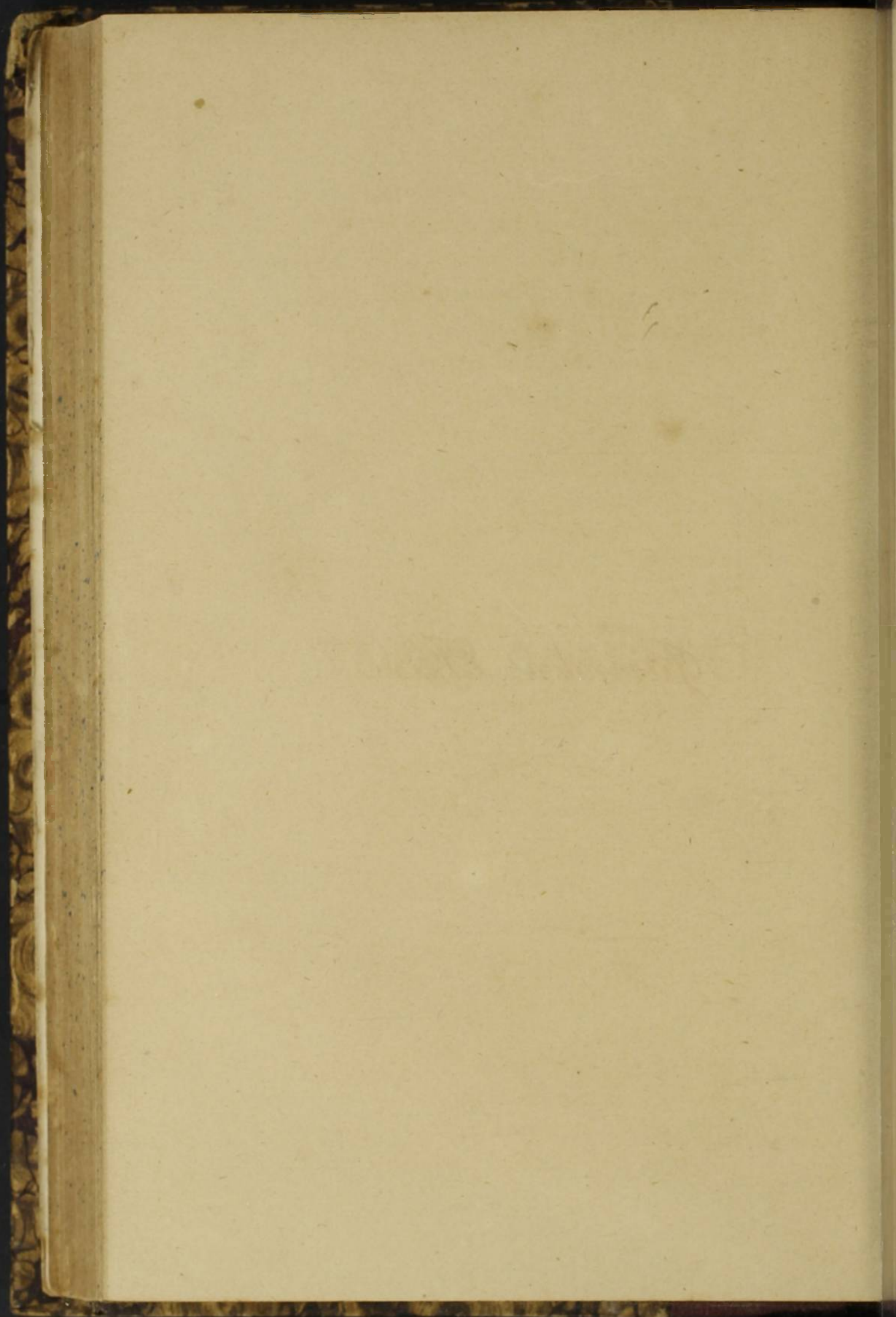
—Lucia agora é *Luciola* . . .

FIM DA SEGUNDA PARTE.



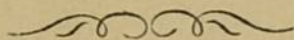
TERCEIRA PARTE,

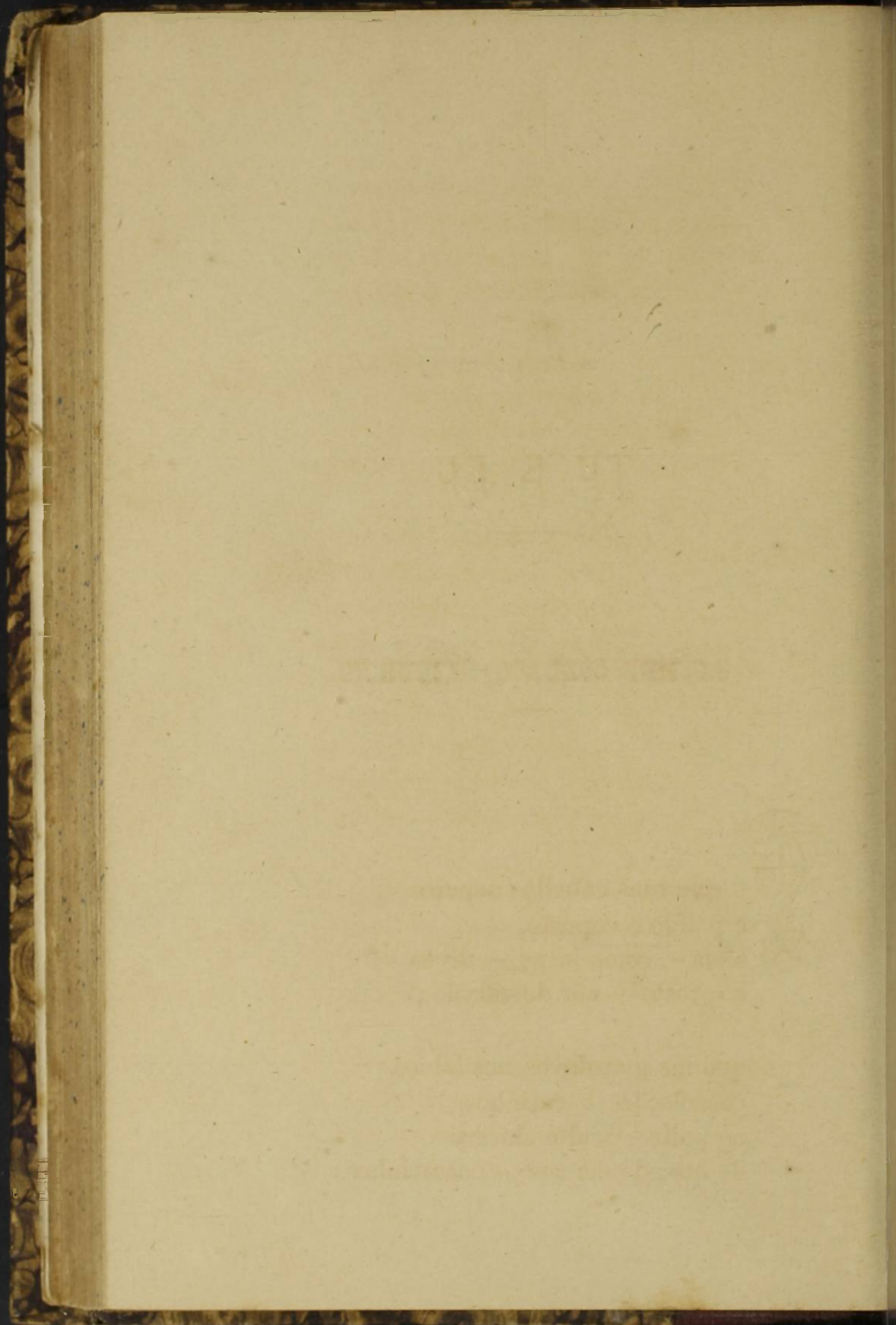




A

Jucundino Freire.





TU E EU.

AO MEU COLLAÇO — TIBURCIO.

Tu que tens cabellos asperos
e polido o coração,
alma — como jaspe — nivea
e o rosto — côr de carvão ;

que me guardavas nos labios
consolações e carinhos,
no peito — culto sincero
de quando em vez — passarinhos,

flôres exóticas, raras
e as vagens doces do ingá,
pesadas pedras bonitas
e os juncos leves do ubá,

a pôlpa tenra e gostosa
dos fructos da embaúba ;
— tu que me davas metade
da tua parca jacuba!..

que enchias minhas vigílias
de confidencias tão boas ;
meu coração — de ternuras
minha gaveta — de brôas...

tu és, Tiburcio, a lembrança
do meu viver de menino :
eu era um *caturra* ; lembra-te ?
Tu eras — tão pequenino!

Depois cresci— pouco, — embora,
das letras patrias no amanhã
e tu, amanhando terras,
guardaste o mesmo tamanho,

a mesma candura d'alma
e a intuitiva nobreza ;
eu cresci em sapiencia
na proporção da dobreza !

Vejo-te agora inda o mesmo
nobre e leal coração,
integerrimo Tiburcio,
— carapinhado Catão !

Toma um *bouquet* d'estas *Flôres*,
recem-sahidas a lume ;
tu que tens as ventas pandas,
pódes gozar-lhe o perfume.

E' mais fragrante que o cheiro
de quaesquer flôres á tôa ;
subtil— como as *esperanças*
de um discurso da Corôa !

Paga-m'ó a juros dobrados,
se não em moeda, — em amor ;
sê pontual em teus debitos :
(— tu não és imperador...)

Meus versos são— como as crenças
d'este clero ultramontano,
sensatos— como a stulticia
do *Martyr* pernambucano...

Eis o perfume das *Flôres*
de teu senhor-moço, o bardo ;
se queres, — cheira-o, Tiburcio ;
se não, — outra vez o guardo.

Oh! vem, meu pobre amigo, tu conheces a vehemencia de sentir que est'alma hauriu do soffrimento! Os meus segredos, o anciar de dôr, blasphemias, preces, audacias vãs e amesquinhadados medos, sonhos pueris e verdadeiras raivas, tudo surprehendeste... As agonias de minhas noites, os subtis anhelitos e o louco brado que trazia a raiva aos labios revoltados, sei, ouviste... (Pois manda a *Lei* e o habito santissimo d'este patriarchal viver da roça que vigie o dormir do senhor-moço um paria, escravo, *um cousa*, um negro, homem embora!..

E tu, meu pobre pagem, a quem o mundo (*risum teneatis!*) não profanou as paginas alvissimas do livro d'alma, immaculado ainda, oh! não me invejes, não; eu soffro e muito n'este desterro inhospito da vida! Sou livre, e o que isso val?. A liberdade exclue acaso d'alma o soffrimento?.

Minh'alma é o pobre naufragado em plagas ermas de luz do ceo, das crenças candidas de juvenis scismares; onde o espirito, — batida a esp'rança — ao flagellar das vagas da duvida cruel — desmaia e afunda-se no vórtice do mal!

O engano, os erros,
o crêr e as abusões mentidas, perfidas
e o imaginar das irreaes delicias
do primitivo Eden -vacillam, tombam,
fulminadas no pó, e em pó desfazem-se !

Santas aspirações das almas nobres,
utopias de amor, anhelos, ancias
do fugace prazer, mentira !. O escarneo,
a baba torpe dos mundanos osculos
pollue o alvor purissimo das petalas
e o effluvio virginal dos lyrios d'alma !

Pasmas, Tiburcio, e te espantas
d'esta immensa erudição ?!

— Pasma de ver-me tão sabio,
vário no estro, vasto na lição ?!

Resurgido entre os alqueives
um desertor do Parnaso,
com o qual mui pouco importam-se
e o qual — dos outros faz mui pouco caso !

Um joven poeta, pobre,
— (pobre soberbo em verdade) ;
um sedentario *touriste*,
que percorre — á ingleza — a humanidade ;

forçado evadido em tempo
da academia á masmorra ;
que partiu grilhões de affectos
em corações tamanhos como Andorra!...

Um patriota amavel
que quer bem á causa publica,
não fez figura no *Astro*,
nem canta palinodias na *Republica*

Um pouquinho philosopho
e um *tanto quanto* poeta,
que acredita em Deus e no diabo
no ensino-livre e na eleição directa!.

Um *franc-tireur* de horóscopos
que em tudo encherge harmonias,
que ingere — ruins paradoxos
e digere — peiores utopias...

Pasmas de ver-me tão sabio ?
Pois não ha n'isso mysterio ;
cifra-se tudo em saberes
que eu não encaro a vida muito ao sério.

„ Ah! nem só o Ser Supremo
„ é que habita a immensidade!
„ Que vão parece este mundo!
„ Que vasta inutilidade !. “

Perdeu a esphera terrestre
da gravitação as leis ;
— tu és da familia humana,
— da humanidade não és!

Razão, direito, justiça,
— trindade paradoxal!
A Lei arrasta o absurdo
desde a *culpa original!*

Jehovah foi um legista,
sophismador da verdade,
que fez do erro — de um homem
o crime — da humanidade!

(— O jury é cousa mais nova,
posterior ao Paraiso ;
— instituição do primeiro
homem de pouco juizo :

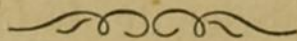
— algum fabricante de opio
foi do jury o instituidor ;
pois são congeneres cousas
— opio, — bocejo, — Doutor . . .)

A Lysia trouxe-te á America,
sabes, Tiburcio, porque ?
— Teu avô *fez troça* ao vinho
do Patriarcha Noé!

Tu tens os cabellos asperos
e o rosto côr de carvão ;
que importa ? — Tu'alma é candida,
polido teu coração.

Na lei da mesma igualdade,
que Deus ou Satan nos deu ;
és nobre — mais do que os principes
e és miseravel — como eu !

Nos mede a mesma bitola
perante o altar da Natura,
e as jerarchias nivelam-se
na lama da sepultura !



ρ PARNASSO.

Parodia á poesia ITATYAIA da distincta poetisa

D. Marcisa Amalia.

ANTE a abundancia de *exdruxulos*
da nova escola poetica,
ás leis da moderna Esthetica
afino meu *urucungo* ;
e n'esta humilde parodia
descreverei cousas varias
ao clarão das luminarias
da *auctoritate qua* fungo.

— Estamos sobre o Pierio.
Vejo áquem as nove Musas,

envergonhadas, confusas,
de tão reles parceria ;
— quantos mosquitos incommodos
sobre o paciente Pégaso :
— equino rei do Parnaso,
— hyppico ideal da poesia!.

Ao longe, tristes, erraticas,
vagam sombras indiscretas ;
são legiões de poetas,
distanciadas em lotes :
a cabelleira faz dédalos
nas grimpas d'esses senhores,
de *Hugo* imitadores,
por conseguinte — *huguenotes*

Dos vastos, altivos craneos
pendem pilosos vestigios,
reconhecem-se os prestigios
da pomada epilatoria ;
foram buscar nos cosmeticos
correctivo á Natureza,
pois que da fronte a estreiteza
diz mal a um homem de gloria!

Eil-os com azas ceruleas,
demandando a immensidade ;
no sol da publicidade
eil-os, roçando as espaldas ;
são uns poetas lymphaticos,

amantes do verso hysterico,
que ceiam — crême chimerico,
limpando as boccas — nas fraldas!

Discorrem por entre álamos
dous ribeirões de arremesso,
são o *Hippocrene* e o *Permesso*,
— rios muito singulares; —
este lambe as plantas do *Helicon*,
aquelle em varzeas se estende
e, — (sem que banhem Rezende),
molham diversos logares! . . .

E' n'este ignoto reconcavo
que a poesia viceja,
as Musas bebem cerveja
emquanto Apollo resomna . . .
Pullulam flôres exóticas
de nome e perfume vários
alli; — nos estercorarios
brotam moitas de *mamona*.

.....

Bem alto ostenta-se o Alvares
sobre muito poetastro,
de perto o emparelha o Castro
— vulto de alguma estatura; —

pretensos colosso-rhodio,
rastejam-lhe aos calcanhares
reputações singulares
da nossa litteratura . . .

O Club de — encomios—mutuos
demarcou-lhe esta attitude ;
se a opinião — é açude
e as rans — Musas paludosas,
que mal faz que do diluvio
salvem-se poucos preceitos
e a arca esbarre defeitos
no *Ararat* das *Nebulosas* ? . . .

A respeitavel distancia
rasga-se um *quadro* ; que encerra ?
— Um perfil rotundo, — Serra.
No horisonte, por instantes,
lê-se patente a denuncia,
de que no mar das rapsodias
pesca o mau-gosto parodias
nas *espumas fluctuantes*.

.....

Salve! montanha poetica,
mythologica embrulhada!
Salve! appollinea morada,
do paganismo exostose!

Torna-me propicia a critica,
dá-me um quinhão de renome ;
monta nas grimpas — meu nome —
d'esta ingente *hypotipose* !!

Da fama as trilhas são invias
e a senda do estudo — ingloria,
o applauso é cousa illusoria
como a espiral de fumaça ;
quem se faz — estulto — um idolo
sobre esse altar de momento,
escravisa o pensamento
ao favor da populaça.

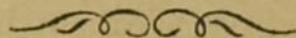
E's bem singular, ó publico !
Tens graça, posteridade !
Passa, ó popularidade,
atira ao chão tua esmola ;
dá aos mendigos teu obolo ;
sacode á rua as migalhas ;
empresta, pavão, ás gralhas
pennas ; — porém dá-lhes colla.

E quando a teus pés — sollicito
rojar-se humilde o trabalho,
serás o fatuo espantalho
que assusta as mediocridades ;
tentarás vergar o merito ;
será teu labor perdido

e se perderão no olvido
os perfis das nihilidades!..

.....
.....

Vai, meu canto, ao excelso jury
da opinião (como é uso);
— combate o pessimo abuso
das *palinodias* a esmo,
e, se o respeitavel publico
te voltar zangado o rosto,
será grande teu desgosto;
mas ficará... sendo o mesmo!...



ρ ΒΕΙΡΡ ΡΑ ΥΙΣÃΡ

Eu era sachristão cá da parochia
e o caso se passou d'esta maneira :

Tinha jantado bem ; uma feijoada,
piabanha cosida e apimentada,
alambarys fritos em gordura
e, alem de tudo, uma linguiça inteira ;
gostoso picadinho de forçura,
um mólho de tomates— bem vermelho
e um fricandó de visceras de coelho.

Por sobremesa esplendido chouriço
em fatias cortado — aos pedacinhos ;
carás, bananas, cousas e . . . pontinhos . . .
— Uma caneca, assim, da *branca e pura*

e para desenlace á tudo isso
a cuia do café com rapadura.
— Bato o fuzil na pedra, ateio o isqueiro,
tomo o cigarro e saio p'r'o terreiro.

O crepusculo da tarde—, isto era em Maio—,
avermelhava as nuvens no horisonte
e debuchava os morros lá defronte.
Cantava o melro adeus saudoso á tarde ;
na gaiola gritava um papagaio
— de seu dom de fallar fazendo alarde :
vinham chegando os patos lá do brejo
e o gado multicolor do pastorejo.

No tanque, alli em baixo, infernal grita
de grillos, sapos, rans e pererecas
fazia cõro aos ganços e marrecas.
A saracura abandonava o banho,
o canario amarello — além — na pita
trinava as notas de um preludio estranho
e ao longe respondia a voz da moça.
Era um concerto original da roça.

Os pensamentos vinham-me risonhos,
povoados a mil de estranhas scismas ;
eu via um Eden atravez dos prismas,
d'essas chimeras lindas, enganosas :
era um enxame a visitar-me em sonhos

de visões tão gentis, moças formosas,
fórmãs redondas . . . coração amigo . . .
roupas de gaze a revelar . . . Não digo !—

D'outro lado, n'um ang'lo do terreiro
a vellutosa relva offerencia
um leito onde scismar. A lua havia
indagador olhar insinuado
atravez o chinó do mamoneiro,
curiosa de me ver alli deitado ;
mas que fôra eu alli buscar ? Não sei ;
veio-me o somno, adormeci, sonhei :

N'um raio do crepusculo
descia uma visão ;
— mais pallida, mais tenue
que o fróco do algodão !

Que avelludada cutis,
— mais branca do que um ôvo ;
— mais tenra que a pellucia
do pecego inda novo !

Que nacarados labios,
que linhas graciosas !
Beijando-se—, mais rubidas
que as pétalas das rosas !

Que transparentes palpebras,
que olhares scintillantes !

—mais fulgidos, mais rutilos
que o raio dos diamantes !

Que setinosos cilios !
Que sombra alli se encontra !
— mais finos do que os vellos
no dorso de uma lontra !

E as tranças a oscularem-se
no collo branco e nú ?
— Mais negras, mais setineas
que as pennas do urubú !

E os seios ? Todos trémulos,
que nem miral-os pude...
— mais pavidos, mais timidos
que as garças no açude !

E a cinturinha magica,
sumida no filó ?
Mais fina que o diametro
do mais fino cipó !

Desce, visão de nevoas,
meu lindo picapáo ;
eu quero adormecer-te
ao som do marimbáo.

Anda depressa, avia-te :
não vês que o instante passa ?
— Exquisitice aérea,
vem cá, minha cachaça !

„ E perguntei : Quem és, archanjo fulgido
 „ que vens illuminar-me a noute escura ?
 „ quem és, tu que derramas a frescura
 „ no pudibundo calice da flor ?
 „ Serás acaso a ondina da Teutonia,
 „ envôlta das espumas no sudario ? “
 Tiveste pena de um celibatario,
 — alma de lavas, — Tantalos de amor —?

Vens convidar-me acaso ao matrimonio,
 a mim, um sachristão tão continente ?
 Desces do ceo p'ra vir mangar co'a gente,
 ou são as tuas fallas verdadeiras ?
 Ai ! Se eu pudesse ir-me da parochia !
 Visão, o meu estado é bem precario ;
 desde que aqui chegou este vigario
 não acho dez tostões nas algibeiras !

Mas, se inda assim amas-me, o consorcio
 pôde-se effectuar dentro em trez dias ;
 mando prégoar em quatro freguezias
 e o mais se arranjará . . . Olha, faceira,
 hei de roubar p'ra ti, lá dos thuribulos,
 umas *cousitas* muito perfumosas ;
 dar-te-hei agoa-benta, hostias gostosas
 e o vinho que sobrar na *galheteira*.

Mas diz-me: tu quem és? — Vens d'além-tumulo?
 E's baptisada? Tens acaso um nome?

Não jantaste, talvez? Chegas com fome?
 Gostas de coelho? — E' boa petisqueira?
 E ella me disse, rindo—, aquella hypocrita!
 „ Venho depôr em tua frente um osculo;
 „ sou a visão de névoas que esvoaça
 „ entre as nuvens de fumo e de cachaça
 „ da tua inquestionavel bebedeira!!...“

Eis sinto o estalar de um beijo férvido
 na suarenta frente.

A brisa agita a rama ao mamoneiro;
 resôa um cacarejo.

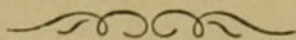
(No galho bem defronte
 fizera uma gallinha o seu poleiro.)

Sinto outro beijo, acordo; esfrego as palpebras,
 mas oh! fatalidade!

Meu sonho se desmancha em realidade;
 que desgraça esta minha!

Passo a mão pela frente e... *horresco referens!*
 O beijo da visão, o beijo, o beijo?

.....
 —Era um producto molle de gallinha!... —



JOSÉ DE ARIMATHÉA.

ATTENÇÃO.



UGIU ME um gato preto, vivo, astmatico,
mariola, cotó, — uma tetéa!

— Come torresmos fritos com farinha
e chama-se — *José de Arimathéa.*

Faz guerra aos gafanhôtos e baratas,
e ás mariposas que a candeia attrahe,
— no mais conserva a sensatez de um bispo
e é orphão — o infeliz — de mãe e pai!

Quando escrevo bilhetes perfumados
dóe a consciencia ao cidadão felino ;
dá-me de leve um tapa na caneta
e rasga a folha de papel vellino.

E' circumspecto nas acções mais simples
e, quanto á castidade... ora, um pombinho ;
não mia fóra d'horas no telhado,
nem pisca o olho á gata do vizinho...

Gosta de ouvir fallar sobre politica
e a opinião não fórna assim a esmo ;
é muito *liberal* — na cuia alheia ;
mas — *conserva* zeloso o seu torresmo !

Talento promissor, inda em criança
brilhou no argumentar as sabbatinas ;
pois sabe a geographia — da dispensa
e o meridiano exacto — das terrinas !

Tem bons sentimentos ; o olfato fino
revela-lhe as linguigas do armario ;
não confia a ninguem o seu segredo
e n'estas excursões — vai solitario.

Não faz caretas aos petiscos magros,
pois tem o paladar pouco exigente :
gosta do *máo* — na falta do *soffrivel*,
mas prefere ao *melhor* — o *excellente*.

—
Signaes particulares :

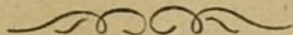
— E' canhóto
e deita, o tal patusco, — á luz do dia —

comparativo amor — pelo borralho,
superlativo medo — d'agua fria.

Levou colleira verde. Desconfia-se
que foi p'r'as bandas lá do *Quebra-Bunda*.
— A quem leval-o ao dono, ou der noticias,
de gratificação dá-se — uma *tunda*.

Entre parenthesis. (Sou meio poeta,
gosto das moças, ando enamorado,
et cætera e tal...)

Feito aqui em casa,
Domingo, vinte e tantos do passado.



ρ ϑΑϑΥ.

LENDA.

CONTA a legenda que o *sacy* nascera dos amores de um sapo e de uma freira, teve um irmão mais velho—o lobis-homem—e casou-se ao depois co'a pisadeira.

Hybrido ser, biparte-se em dous entes de humanas fórmãs e feição estranha ; tostou-se outr'ora no brasido (sabem ?) dos olhos lindos de uma linda entanha.

Foi desgraçado, muito ; a mão furada e a dolorosa amputação de um pé, deram-lhe jus ás lagrimas do proximo como o alcunha lhê dão de *Saterê*.

Unipede e zarolho, o vagabundo
mófa das Leis e zomba da Moral ;
ruim esposo, ruim filho, ruim catholico,
mau cidadão, mau guarda-nacional.

Eil-o o assumpto dos serões roceiros,
o mysterioso hospede do lar ;
na pittoresca lenda das senzalas
— o genio mau da crença popular.

Das noutes sem luar nas horas mortas,
quando a lareira não tem mais gravêtos
e é tudo escuridão pelas senzalas,
e só se ouve o resomnar dos pretos ;

surge d'além, das bandas da tapera,
cavalgando um corcel de taquary,
o pavoroso espectro das madórnas,
o heróe das sextas-feiras — o *sacy*.

Traja quimão de baetilha escura,
carapuça em funil — hirta e vermelha ;
guarda na dextra as rédeas de tabúa
e a ponta do cigarro — atraz da orelha.

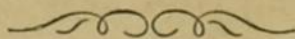
Entra de manso pelo vão das portas
e se aninha no bojo d'um pilão ;
espia o rosto dos cansados negros ;
se ninguem véla, salta logo ao chão,

vai ao cinzeiro do borrarho extincto ;
sôa um leve rumor d'ahi a pouco :
— é a cinza a cahir como garôa
nos olhos do *moleque* dorminhoco . . .

No òtro dia, bem cedo, o toque d'alva
chama a *gente do eito* p'r'o terreiro ;
mas ninguem surge dos quietos *fechos*,
nenhum *moleque* quer sahir primeiro,

e do feitor ao retumbante berro
faz còro a exclamação de medo : Ih ! Ih !
Opina um grupo : foi zumby que veio ;
responde um outro grupo : — foi *sacy* !

Leitor, se eu prégo pêtas,
se mentiroso sou, se verdadeiro ;
se é falsa a minha historia,
dil-o-ha a memoria
dos bellos tempos do viver roceiro.



A ESMO.

Minh'alma é como a rôla gemedora
das ficções poeticas ; — sphynges,
que aprendeu a gemer sem ter larynge.
E' qual um veio de moça sonhadora,
ou qual a púa de uma lança em riste.
— E' original esta minh'alma triste !

— Dizem que ha gozos nas mundanas galas
e cousas muitas, que não vêm ao caso ;
dizem que sou intruso no Parnaso ;
dizem lacraus e cobras pelas salas.
Vês tu, leitor ; ha sorte mais *caipora*,
do que a dest'alma que sorrindo chora ?

Dizem que falta aos liberaes programma,
 que ás *Rosas Loucas* o juizo sopra ;
 que „ vai a lagarticha atraz da cobra “
 e que as *Phalenas*, ao voar na chamma,
 queimam azas de *Icaro* : — calumnias.
 — Té dizem que *Romeu baila co'as mumias*.

Que a feroz *serpe que sacode a juba*
 faz estrondar a *claque* do theatro ;
 dizem até de Deus — o diabo a quatro, —
 e mais, que uns versos que o poeta incuba
 trarão correcta e amplificada a asneira,
 que põe minh'alma em grande choradeira !

.....

Minh'alma é como a fronte sonhadora
 do *hybrido emissario* Bahia,
 que accomoda a curul da Sacristia,
 e é progressista, advogando embora
 as doutrinas retrogradas catholicas . . .
 — Eis o que agrava de minh'alma as colicas. —

Minh'alma é uma alcyone melancolica,
 que lamuria em varios periodicos
 — vehiculos de gloria a preços modicos —
 e vê boiar a religião catholica,
 — qual um poroso tronco de banana, —
 no mar da *teimosia ultramontana*.

.....

Estava assim minh'alma aborrecida
por circumstancias varias
e razões que me são particulares.

Sobre o negror nocturno
brilhavam as celestes luminarias,
(entre outras — Saturno),
como bicos de gaz presos ao tecto
da *casa dos sandeus*,
cujos, em vista de um Papal decreto,
é o reino dos ceos!.

N'outro hemispherio
o sol, o *doudo immenso*, o *Lovelace*,
servia de gazometro aos antipodas.

Tenue brisa fugace
estremecia as nuvens rarefeitas
no topete da seara.

Uivava um cão das bandas de *Sant'Anna*.

(*Sant'Anna* é uma aldêa,
á qual desejo seja leve a terra).

— Era fim de semana,
vespera de lua-cheia.

O espirito absorto se afundava
em profundo lethargo,

— como na bocca de um glotão o espargo.—

A luz bruxuleava
a extinguir-se quasi. Era um deserto
meu gabinete de rapaz solteiro...

Sobre a mesa poenta
estava, havia tempo, um livro aberto;
eram versos de moças : eu descansava
sobre esse livro a fronte somnolenta.

A phantasia livre percorrêra
todo o mundo da Lua,
servíra de gazua
a Imaginação para forçar a porta
do palacio encantado da Chimera.
Vira por lá os mesmos disparates
que n'este mundo raso,
iguaes tolices e abusões as mesmas...

Vira comer-se peixe nas Quaresmas
e, indagando do caso,
soube que de Moysés o *veto* hygienico
sobre o pessimo effeito
que á Religião causavam as linguças
fôra estudado a sério, e resolvera-se,
em Concilio Ecumenico,
ser um grande peccado e irreverencia
aos dogmas vigentes
e aos manes apostolicos

oppôr o *Sandwich* em concurrencia
aos *bacalhaos inglezes*,
que levavam ao ceo (confirma a Bulla).
estomagos catholicos . . .

Demais, era uma idéa
de gratidão *nobilitar* o *officio*
de Pedro — o *pescador* de Galiléa.
— Quanto aos fieis tivessem a paciencia,
que as Escripturas attribuem a Jonas
no *romano abdomen* da baleia.

Um cardeal, theologo sophista,
grave, manhoso e serio,
discutia *pro-formula* o mysterio
de ter S. João Baptista,
(dizem as Santas Leis,) purificado
da nodoa humana de um *innato* mal
o Mestre — *concebido*
sem macula do peccado original.

Terminada a doutrina
o senhor cardeal houve por bem
edificar-me com um texto hebraico,
e concertando as dobras da batina,
com gesto pharisaico
resmoneou : — *Amen*.

Veio depois a campo o *matrimonio*
e doutrinou-se ácerca ;
o senhor cardeal trouxe o exemplo
do padre Santo-Antonio
e de Santa Maria Magdalena,
(que pela fama não perca.)
Expõe, discute, explana, grita, alterca
sobre a possibilidade de ageitar-se
a *lei* da Natureza ao *veto* Biblico,
expressa aquella no divino motte :
— *crescite et multiplicamini*
e esta imposta por lei
no terceiro dos Dons do Espirito-Santo
ad majorem gloriam Dei.

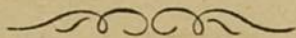
Fallou-se ainda em Santa Magdalena
e consultou-se ainda a vida do Propheta
José de Nicodemos ;
o cardeal disse outro texto hebraico
e, concertando as dobras da batina,
com gesto pharisaico
resmoneou : *Oremus.*

Tem sido a Lua mal considerada
por optimos poetas,
o que attribuo ás notas incompletas
que, sobre ser ou não, ella habitada

nos deixou Fontenelle.
Ha quem sobre esse astro se encastelle,
armando baterias
contra a Razão, a Logica, e o Bom-Senso ;
em muitas poesias
tratam-n'a de *princeza e virgem nua*

.....

— Se não queimam incenso,
— ladram á Lua... —



AMOR DE YIPLÃO.

Parodia á poesia AMOR DE VIOLETA, da distincta
poetisa

D. Marcisa Amalia

TEDIOSO, n'um reconcavo
sombrio, triste e placido ;
esquivo do amor aos naturaes phenomenos,
vivia — Chico Placido ;

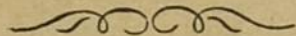
mas u'a moça exotica
um dia dá-lhe caça,
e tantas artes faz que prende o tolo ingenuo
nas teias da trapaça :

— Hi ! Berra o neo-Quásimodo ;
— „ Se meu violão tucano
trocasse pelo *pinho* que arranha o filho estúpido
do primo Tertuliano ; —


— „ como tangera fatuo
os dengues feiticeiros
do *diacho* da mocinha —, aquelle precipicio
do bófe dos roceiros ! “ —

N'isso um muxoxo ouve-se
da *cidadôa* experta
e o pobre do matuto engole o *icario* idyllio
que o faz um bocca-aberta ;

porém, pondo-se em cócaras,
exclama erguendo as mangas :
„ ai ! como besta fui ! Fugiu-me aquella abobora
e eu vou *chorar pitangas* ! “ —



VENUS E EU.

o nascer d'Alva, quando a luz irrompe
no ceo, e a noute a escuridão arruma,
surjo da nuvem dos lençoes de linho,
bem como Venus dos lençoes de espuma.

Ella—aljofrada pelos pingos d'agua
na tez lucente do lascivo peito ;
Eu — sob o influxo do cruel acónito,
suando em bagas do calor do leito.

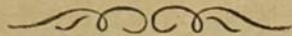
Venus, no dorso do *elemento salso*
vela os contornos — em total nudez ;
Eu, sob a concha de sapé do tecto,
conchego ao dorso — o sobretudo inglez.

Ella, tremendo com vergonha e os roseos
labios transidos da salsugem fria ;
Eu, bocejando de preguiça e tédio,
bocca travada do amargor da azia.

Venus, com medo aos D. Juans marinhos,
meros, arrayas . . . (que sensata moça !)
Eu, com receio que devore a Critica
as ,, trovas simples do cantor da roça.“

Ella, nas fórmãs seductoras, languidas,
revela o typo do ideal ao Bello ;
Eu, na magreza da structura ossea,
mostro que soffro — o que soffria *Stello*.

Depois a Deusa, de Morpheu nos braços,
vôa serena n'amplidão infinda ;
Eu, por motivos que direi ao Bispo,
volto ao meu leito e vou dormir ainda.



PANDEMŌNIUM,

D. S. Freire.

TANTO disparate, tanto,
por esse mundo de Christo
vejo impune campear,
que me senhorêa o espanto
e immensamente *encallistro*
na missão de t'os narrar.

Quatro scisões na Politica
de mais a mais se distendem,
os figurões *capadocios*,
Senhor Jesus! não se entendem
nem nos negocios alheios;
nem nos seus proprios negocios!

Liberaes, Conservadores
engrolam tanta aravia
nos palavrões retumbantes,
que, se confusão havia,
depois de tudo ordenarem,
fica tudo — como d'antes.

O *Progressismo* caminha
no andar da tartaruga,
vive mais gordo que um monge,
coça a beata peituga
e santamente resmunga :
„ devagar se vai ao longe. “

Os *Republicanos* rezam
n'uma diversa cartilha
de diversissima escola ;
andam sempre em pilha-pilha . . .
Se um diz : esfola, — outro : mata !
Se um quer matar, — outro esfola !

Fallam sempre em Liberdades
quando têm accessos d'ira ;
querem — Povo soberano,
o Soberano — *em embyras*
os frades — esquartejados
e — o *pão nosso quotidiano*.

O *Monarchismo* caminha
por entre tantos escólhos,
tapando as boccas a elles,

pondo-lhes *vendas*... nos olhos ;
dando pingues sinecuras
a uns, a outros, áquelles...

E as divergencias aúnam-se
e a Nobre Sociedade
vai cantando a ladainha
e incensando a Magestade ;
pois dá-se bem co' o dictado :
— puxar a brasa á sardinha.—

Quanto a nós vamos-nos rindo
d'esta pasmosa incoherencia ;
chama-se velho ao que é novo :
— Artes, Industria, Sciencia!
E os trez estados caducam,
— o Clero, a Nobreza e o Povo!

A *Arte* — inventa mictorios!
a *Industria* — anda doente...
e a *Sciencia* — põe de novo
o problema transcendente :
— Quem veio ao mundo primeiro,
foi a gallinha ou o ôvo?!—

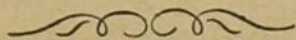
O *Clero* — celebra missas
para acudir aos gastinhos
dos Apostolicos fóros ;
a *Nobreza* — ataca os moinhos...
e o *Povo* — sempre famelico —
pede a quem dá : *Pan y toros!*

Os *Representantes* sujam-se
no nacional pugilato ;
— geme a montanha um momento,
atrôa o ar, — pare um rato !
E a *canalha* bate palmas
aos *truães* do Parlamento !

A Grei, que assiste enojada
ás parlamentares farças,
boceja e deita pateada,
mandando á fava os comparsas
da trapalhada indecente
d'esta nova *martinhada*.

E deslembrados os martyres
da liberdade brazilea
ninguem os encara ao sério ;
— a ingratição cóspe lia
nos heróes da Independencia
deste Bourbonico Imperio.

Heróes, sandeus e apostatas
vão caminho do palacio,
jungidos á Regia canga !
E os manes de Bonifacio
lavam da patria a vergonha
no ribeirão do Ypiranga !!.



CRIAÇÃO E BIBLIOTHECA,

I

Não vá alguém chamar-me plagiario,
porque um outro fallou da sua alcova ;
— não fazem plagiato os mortos d'hoje
e desde Adão que a gente vai á cova.

Por attenção aos luxos da cidade
guardo alguns livros — poucos — do estudo
um quadro de lascivos panoramas
e mais ainda
— o meu criado-mudo.

Um servidor conspicuo ! Não me amola,
nem remeche curioso os meus colchões ;
— alma romana — vão tomar-lhe conta
do segredo das minhas digestões !

Não recebe salario e alegre atira-se
ao incessante quebrantar da lida,
cuida regularmente do serviço
e (consta) não diz mal da alheia vida.

Nem timbra de passar como entendido
nas trapalhadas do viver politico ;
trouxe umas quatro imperfeições do berço :
é *mudo*, cego, surdo e paralytico !

Na religião — catholico romano,
sybarita no amor — como um Pachá ;
tem a intuição da idéa democratica
e odeia sobre modo o Le-Roy . . .

Em virtude do que, se um dos leitores
alimentar idéas de ajustal-o,
por deferencia cedo-lhe o criado
— com a condição, porém, de conserval-o.

II

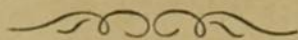
Na minha estante se enfileiram livros ;
leio-os á noite, e leio-os de manhã :
— o Azevedo, o Abreu, o Castro Alves,
o Machado de Assis e o Pelletan,

A George Sand, Varella, Nebulosas
(com retrato d'authora) e o Alencar ;
o meu *Xará*, o Serra, e muitos outros,
que fôra fastidioso enumerar.

Livros . . . não tratam de questões pesadas,
não têm a gravidade das *Pandectas* ;
são versos . . . e minh'alma se accommoda
nos lindos paradoxos dos poetas.

Que rapaziada amavel ! Nas insomnias,
se o tédio vem com ares de *cynismo*,
tenho no idyllio — uma efficaz linhaça,
na estrophe cabelluda — um sinapismo ;

as theorias graves — são xaropes,
condimento geral — qualquer idéa,
e as drogas d'alma não se falsificam
n'esta espirital pharmacopéa !



Ϣ ϣ μ ϣ Α ϣ

N'UM ALBUM.

Pois é verdade, meu proximo . . .
— (Quasi disse — meu amigo),
porque . . . emfim eu prosigo
no de rimar vario officio.
Ponha reparo : este seculo
incuba taes disparates,
tamanha somma de *orates*,
que faz do mundo um hospicio.

Plagiam Pariz — a fulgida —
e só querem francezismo,
não ha mais patriotismo,
pavonêa o contra-senso ;

esquecem nossa prosodia,
seguindo funesta pratica;
dão pontapés na grammatica
e beliscões no bom-senso.

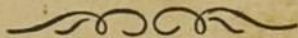
O povo d'esta parochia
multiplica emolumentos;
não celebra os Sacramentos
— *fiado* o nosso vigario:
préga a moral apostolica,
tem *comadres* — bem bonitas,
pupillas — tão pequenitas,
demais, é celibatario. . .

E o que dizer da politica,
— labyrintho ou pandemonio, —
onde accomoda o demonio
as infernaes trapalhadas?
Das theorias monarchicas
ás doutrinas da *Republica*
quem soffre mais? — a fé publica,
— martyr d'estas palhaçadas!

O' decimo-nono seculo
dos meus tamanhos peccados!
— Seculo dos *gatos-pingados*
das procissões e dos santos!
Seculo de luz? não; de pandegas,
das mal rimadas poesias
— como a que lêm, — das manias
de todo o genero e tantos!

Das batatas da policia
contra um jornal democratico ;
da pilheria ? — do sal attico ?
Engano, — é sal em bruáca !
P'ra fazer rir ? — p'ra negocio ;
se assim não fôra eu teria
sal para esta poesia
chã, enfadonha e macaca.

—
Desculpa, meu album nitido,
esta infernal *lenga-lenga* ;
sou do Parnaso — capenga,
são minhas rimas — intrusas !
Que importa ? — assim mesmo intrepido
do pégaso na garupa
vou-me a gritar — upa ! upa !
pelo dominio das musas.



PEY ANEIOS

DO MEU GATO PRETO — JOSÉ DE ARIMATHÉA

Ao amigo Poeta VIRGINIO DE CARVALHO.



AI alta a noite, a escuridão profunda,
silencio atterrador, o echo lugubre
repete a espaços o piar estridulo
do noctivago hospede da alampada.

As m.vens no horisonte são burlescas,
as onda. de esmeralda — um mar de lia,
o comoro gentil — uma esterqueira ;
no ar pesado — emanações de sarro,
nas corollas da flôr — em vez, de orvalho —
os perdigôtos de um immenso escarro.

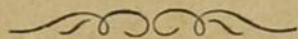
talvez no craneo de um sandeu! Quem sabe?
O tufão matador do scepticismo
estruge um hymno de agonia horrivel
nas pavorosas amplidões do espaço!
— E' o *De-profundis* que resmunga o páramo
no sahimento funebre do Justo,
o abôrto da Razão do Christo martyr!

Christo, foi teu viver —viver de Sphinge!
Tu — pobre sonhador — deixaste as palhas
do curral nazareno
e ousaste ir abysmar nas Synagogas
a theologia vã dos seus *Doutores!*
Quando gravaste o sello cabalístico
na frente dos Apostolos;
teu verbo de perdão soou fatidico
nas devassas mansões dos reis do mundo
e, á tua voz, mil legiões de credulos
morriam martyres de uma idéa insolita!

Era-te lei — Amor — estranho enygma
no coração da humanidade cynica!
mas eram semi-deuses teus discipulos
e heroes eram teus martyres!
Lá quando nos salões da orgia infrene,
na capital das capitaes do mundo,
na patria do bandido fraticida

a labareda dos brandões humanos
alumiava a estancia,
á claridade d'essa luz se erguia,
aureolada — a Cruz ! . . .

Christo, embalde soffreste as amarguras
no esteril chão do Golgotha
— Prometheu da desgraça — teu martyrio
não se findou comtigo no Calvario!
Se és Deus, a omnisciencia é teu abutre,
porque, bem vês, o edificio inválido
que esteiaras co'a Fé, eil-o tombado :
— plantaste os alicerces do teu Templo
no coração humano — um sólo ingrato
como as areias moveis do deserto . . .



ԼՄԲԻՐԼԱ.

DE teu olhar a luz causa-me raiva
e a vibração de tua voz me abala :
— luz que do fundo do abysmo irrompe,
— voz que da escara d'um volcão se exhala.

O elo de teus braços me agrilhôa,
o ar que tu respiras me assassina :
— ar venenoso que asphyxia e mata,
— elo de abraços que o demonio ensina.

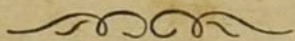
O riso de teus labios me atterrâra,
teu beijo sensual me ateia a raiva :
—riso de amor que me desvaira e entonta,
—beijo lascivo que minh'alma enlaiva.

Teu pranto é philtro corrosivo—estraga ;
o aroma de teu halito—envenena ;
são teus cabellos—elos do peccado,
luzem da luz d'uma infernal estemma.

Transverberas do olhar de fogo—fatu
estranha claridão que a alma deslumbra ;
de amor um raio em teu olhar promettes
e a luz do inferno em teu olhar resumbra.

Transpira de teu corpo um odor lubrico
crispa-te as carnes sensual tremor ;
tremo ao lampejo d'esse olhar extranho,
tenho-te muito odio e muito amor.

E's a pomba, talvez, d'Arca perdida,
talvez um anjo que maldisse o Eterno ;
Pomba, eleva-me ao ceo nas azas brancas !
Anjo do mal, irei contigo ao inferno !



REYERSO.

A Rezende.

DE FIM te vejo do crepusc'lo aos raios,
brilhando viva como a brasa rubra
no bojo d'um fogão. Venho, ó cidade,
dizer-te adeus e aos filhos teus, Rezende.

Chego suando do calor da estrada,
cheio de poeira, crenças e saudades,
tristeza n'alma e bilis entornada!
— Trótes d'asno e a tua impiedade...

Muitas *aves de amor* guardas no seio
e muitos *reptis* horridos, feios!

Nem imaginas que profundos tédios
soffri por cá, ó fluminense perola !
Via amplos vultos de teus filhos nédios,
amplos na enxundia e na *sciencia crítica*,
vastos no *assalto e originaes assédios*,
grandes na astucia e mulheril politica !

Perseguiu-me em sonho essa argamaça
de *lans e trigo* . . . Ignára populaça !

Vivi bem triste. O cer'bro escandecido
tentava embriagar-se ; era loucura !
Suava sangue o coração ferido
nas puas da saudade. A imagem pura
d'uma visão de amor em ceo nublado
brilhava apenas ; era então que a magoa
— serpe voraz — tragava meus sorrisos
e bebia toneis cheios de lagrimas,
que eu vertia em silencio.

Negras lagrimas
— como as do Parahyba turvas ondas —
puras outr'ora, profundadas hoje
da superficie lisa ás profundezas
sujas do breu das barcas portuguezas.

Viajei, viajei ; trotava o Pégaso
da phantasia em trilhas pedregosas ;
era-me em vez de leito hospitaleiro,
de Montesuma o grabato . . . de rosas !
Sem guarda-sol viajando um dia inteiro,

a mente cheia de visões formosas,
e a bolsa, a tira-collo, sem dinheiro
com que comprasse entrada em teus convívios,
lindos, bem sei ; porém... cala-te, Musa ;
préguas moral em vão, ninguém attende !
Dorme em socego, ó placida Rezende.—

Viajei mais um pouco, ia a galope,
brida abatida — meu ginete alado ;
a impaciencia lhe pungia os flancos
e o fogoso animal transpunha ousado
o precipicio das reaes estradas !
Por fim notei que ia ficando lerdo
á força de rimar, o estylo gasto....
E' que a inspiração fugia e a luz do engenho
não clareava mais o sanctuario
d'este trabalho inglorio. O vulto ingente
de meu castello aéreo se esb'roava,
como tombára a *torre christianissima*
de tua egreja — victima das chuvas,
municipaes incurias e saúvas! —

Do Itatiaya no arrojado cimo
tremi com frio por te ver a gosto ;
das Agulhas no pincaro sentado
senti teu bafo flagellar-me o rosto ;
do sino da matriz as doces notas
— como um gemer de innotas melodias —

vinham d'envolta ao mercantil sussurro
de tuas praças ; acres monodias,
cantos de bronze em peitos mercenarios.

Era linda a illusão ; da torre o gallo
parodiava os vôos da *gaiivota* ;
no ar pairavam melodiosas notas,
(que a multidão suppõe toadas de viola,
e o sentimento d'arte — almos threnos
d'ave d'amor em solidões ermadas)
— gemer dorido d'uma lyra innota,
doce mais que o rumor da mata-virgem,
que a viração da tarde acaricía,
tenue mais que o murmurio amortecido
do gazeoar de pequeninas aves
nas fruteiras em flôr ; — celeste musica
a derramar-me n'alma um gozo intenso,
uma volupia intima e suave,
pura do ardor de mundanaes anceios !
Eu arroubado ouvia aquelles canticos,
aquelles ais, mysteriosas queixas,
extasiado alli, doudo, inconsciente,
commovido, encantado . . .

Presto um guincho
agudo e penetrante me acordava
d'aquelle arroubo ; um traço fumarento
e um rouco estrepitar denunciavam
que tu, Rezende, estavas no catalogo
das cidades do Rei — e nuvem negra

empestava teus ares co'os vapores
de mais sandeus, mais *coke* e mais doutores !

O' filha do Occidente, abre ao poeta
a hospitaleira porta da estalagem ;
chego, bem vês, cançado de viagem ;
quero gozar teus leitos — de Procusto . . .
Em vez de nectar, dar-me-has cerveja
e, em confidencia, contarás baixinho
as *calumnias gentis*, ternas injurias,
que sorprehendi por vezes em teus labios.
O grupo interessante de teus *críticos*
tem jus ao galardão. Rala-me a inveja
de não ser nigromante que os brindára
como ao rei Midas das antigas fabulas !
Que mortal haverá que, ao escutal-os,
não chame á idéa a phrase de *Cambronne*
para saudal-os bem ?

Adiante, musa ;
subamos a ladeira ; além avulta,
fronteiro ao cemiterio, o *pau da patria*.
Quero encostar-me áquelle tronco annoso,
mumia soberba que o fastigio attesta
das magestosas selvas primitivas !
Eil-o como um espectro do passado,
hirto, imponente, extatico, impassivel
nas solidões immensas que o rodeiam !
Embalde as ventanias rugidoras
flagellaram-lhe a cóma, e o raio ousado
fendeu-lhe a fronte secular, embalde !

Foi impotente a furia atterradora
das tempestades bravas p'ra tombal-o !
Ao verme só foi dado — pequenino —
quebrar o orgulho d'esse rei selvatico,
roer o cerne rijo até o amago
do secular coloso !

Após vieram
os *humanos cupins* e o rei das selvas
attonita escudou a voz das larvas,
a injuria vil dos *vermes discursistas*,
ao som de *esmeraldinos instrumentos*.
Foi o golpe final, o couce fátuo
do sendeiro boçal, impado, estulto,
na frente do leão agonisante !

Calma-te, Musa ; vem sentar-te agora
n'esta almofada de capim viçoso,
macia e fresca ; tira a brida ao Pegaso,
deixa-o gozar um pouco dos frescores
do ar da patria, e ruminar os brotos
da gramalheira nacional; em quanto
em teu regaço amigo recostado,
na vizinhança da mansão dos mortos,
ao lado d'esta casa mortuaria
e ao bafejar das brisas gemedoras,
que vêm do cemiterio, evóco as sombras
d'um passado já morto.

Eia, phantasmas,
 a cujo lado me sentei outr'ora
 nos banquetes da vida ! Erguei-vos todas,
 imagens tristes do viver passado !
 Quero comvosco renascer de novo
 nas lembranças que foram.

.....

Vês lá embaixo aquella *casa grande* ?
 — Alli passei, ó Musa, os mais formosos
 dias da infancia ; mas o vulto hirsuto
 do professor as expansões tolhia
 do genio folgasão. A boçal férula
 estava, como a espada de Damocles,
 suspensa á espreita da risada insonte
 das criancinhas joviaes, e o medo
 era o Mentor que nos fazia serios,
 como um predio em ruina ; circumspectos
 como um artigo editorial do *Astro*.

—

Foi lá que a infancia consumí chorando
 saudades do meu lar. Rodava em torno
 o estrepitar das festas delirosas
 e eu tinha n'alma uma saudade infinda,
 um prematuro fel que o peito hauria,
 anticipado eivar das crenças candidas,
 precóce emmurchecer dos lyrios d'alma !

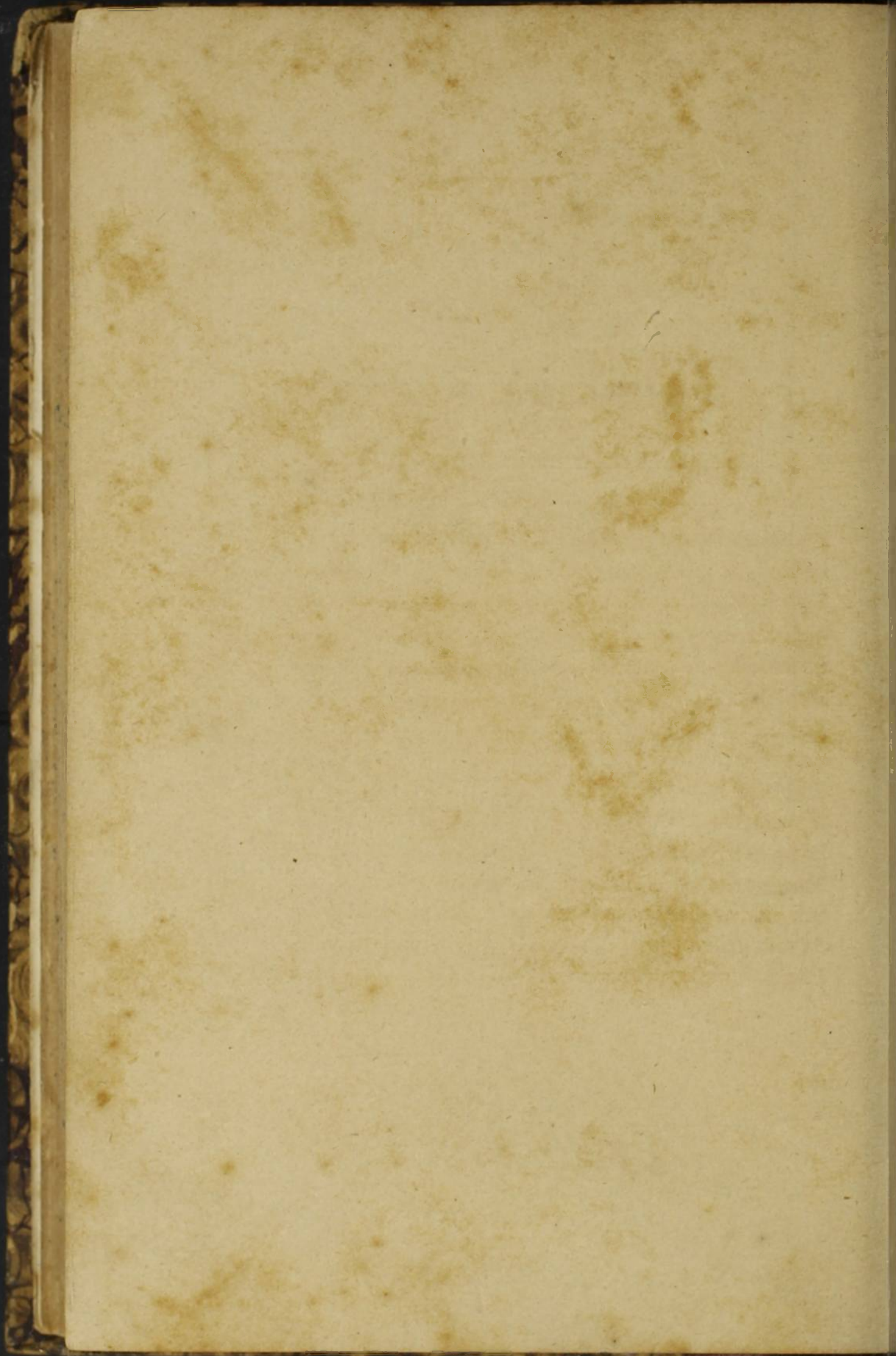
—

Adeus, Rezende. A larva do desgosto
roeu a pobre flor de minha vida,
e, uma por uma, as illusões cahiram,
como os cedros tombaram — seculares
de tuas mattas densas. Por ventura
com ellas morre a inspiração e o sonho
da mente do poeta ; — assim as garças,
tontas do ardor dos raios infinitos,
ao resvalar nas correntezas celeres,
rolam no dorso branco das espumas,
á flor das ondas — perfidas e lindas.

Adeus ainda.

Se o poeta um dia,
cançado de viver, a *veia* exangue,
plectro quebrado e morna a phantasia,
vier bater á porta de teus lares,
não faças cara feia ao filho prodigo ;
antes recebe-o bem, que o coitadinho,
— Icaro audaz — n'aquelle instante angusto,
sem azas p'ra voar — tomba do espaço
e vem morrer — por desfastio ultimo —
de tédio em teu regaço !





ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Flores do campo	1
Lelia	6
Nevoeiro	13
A Estancia	17
Scismando	22
Romagem	27
Luz	30
Sensitiva	33
Lgrimas	35
Murmurios	37
Loucuras	40
Vacillações	42
Sub umbra alarum tuarum.....	45
Triste anniversario	47
Pagina intima.....	51

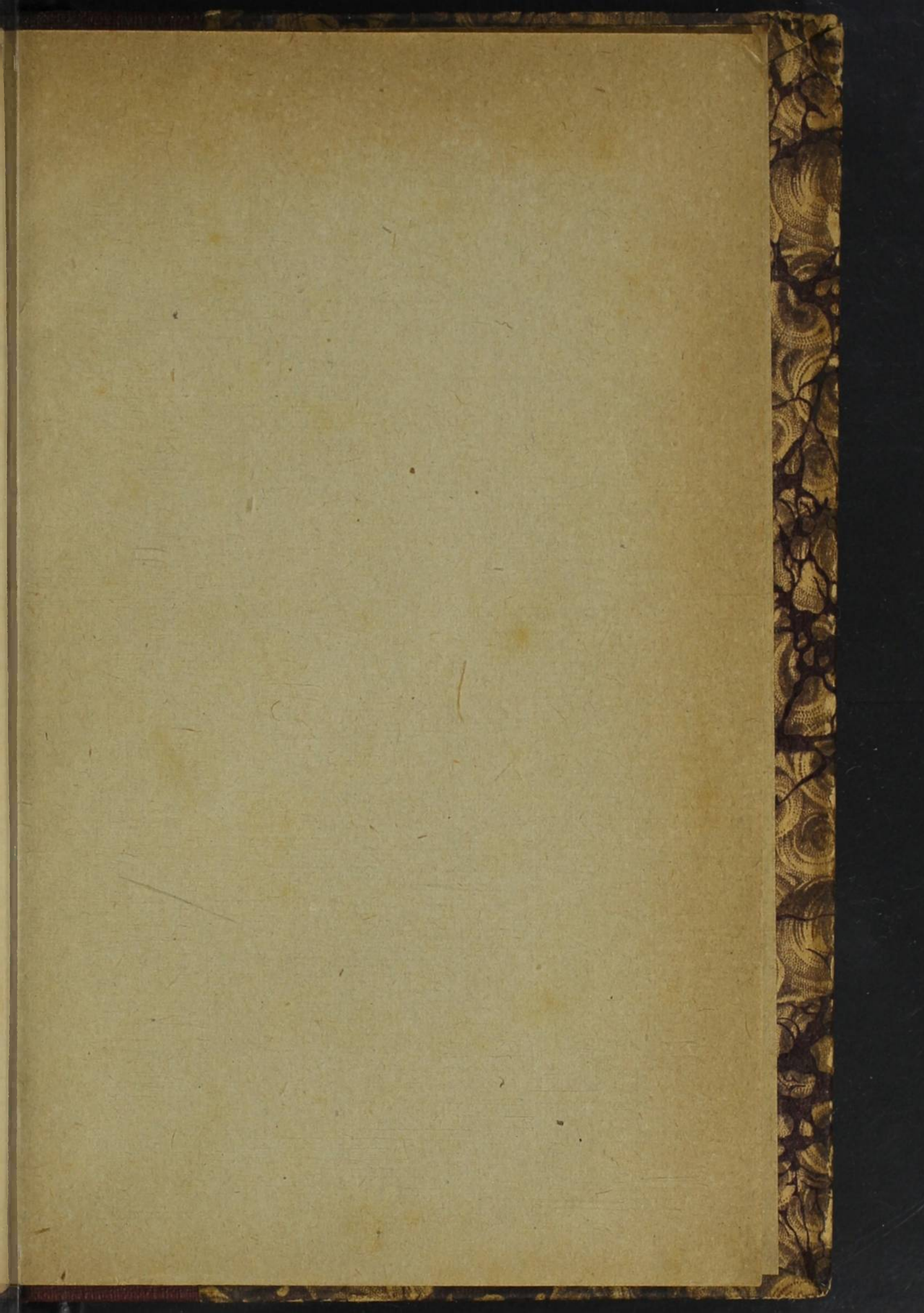
SEGUNDA PARTE

	{	Menina.....	59
Livro de Nenê	{	Nenê.....	62
		Innocencia.....	63
		Zelos.....	64
Os escravos no eito.....			66
O camarim de Lucia.....			73
Palavras ao coração.....			76
Na roça.....			79
Genio e Belleza.....			83
Cheia de graça.....			86
Hetaíra.....			90
Sombras.....			93
Lucia..			96

TERCEIRA PARTE

Tu e Eu.....	111
O Parnaso.....	119
O Beijo da Visão.....	125
José d'Arimathea.....	131
O Sacy.....	134
A Esmo.....	137
Amor de Violão.....	144
Venus e Eu.....	146
Pandemonium.....	148
Criado e Bibliotheca.....	152
Cousas.....	155
Devaneios de Jose d'Arimathea.....	158
Lucíola.....	162
Reverso.....	164

Typ. Hildebrandt, Rua da Alfandega N. 87, sobr.



2/66 - 4 f.

Prefacio de

Marcisa Simalica

18822

